



# ***A messe é grande***

**Instrutivo de Formação II  
para Equipes de Animação Vocacional**



**agostinianos  
recoletos**





# *A messe é grande*

INSTRUTIVO DE FORMAÇÃO II

PARA EQUIPES DE ANIMAÇÃO VOCACIONAL



ORDEM DOS AGOSTINIANOS RECOLETOS  
SECRETARIADO DE VOCAÇÕES E JUVENTUDE  
SEÇÃO DE VOCAÇÕES





## Introdução

A pastoral de animação da Ordem dos Agostinianos Recoletos, em sintonia com toda a Igreja, continua a dar passos firmes na direção da criação de uma cultura vocacional. O estilo de animação vocacional é o da sementeira paciente, que tem a ver com preparar a terra, depositar a semente e acompanhar cuidadosamente o seu crescimento. Todos os esforços nesta direção darão frutos quando o Dono da Messe considerar apropriado.

O espírito deste estilo pastoral de animação vocacional se reflete no Itinerário Vocacional Agostiniano Recoleta -IVAR-. Na mesma lógica da sementeira paciente, nós agostinianos recoletos ajudamos a preparar o coração das novas gerações, para que, no encontro vivo com Cristo e sua Palavra, se manifeste a plena força da condição batismal dos discípulos missionários.

Um sinal palpável da criação da cultura vocacional é a participação dos leigos na tarefa de animação vocacional. As equipes de animação vocacional compostas por leigos, sacerdotes e religiosos não são um luxo, mas uma expressão clara da maturidade de vida das comunidades cristãs. Este segundo módulo de formação dirige-se principalmente aos leigos que perceberam o chamado do Senhor a colaborar na missão de suscitar e acompanhar as vocações.

Não há dúvida de que o ministério que a Igreja confia diretamente a algumas vocações animadoras é, em si mesmo, tarefa de todos. Porém, os leigos que a assumem como tarefa confiada pelo próprio Senhor, precisam e pedem que a mesma comunidade seja formada para a sua missão. Por essa razão, se facilita esta segunda instrução de formação, na qual se abordam alguns temas centrais da animação vocacional.

Na mesma direção do primeiro módulo, os tópicos abordados neste explicativo giram em torno do aprofundamento da vocação de alguns personagens bíblicos, a reflexão sobre aspectos importantes da antropologia cristã que desempenham um papel importante na busca vocacional. Da mesma forma, continua-se o esforço de refletir sobre algumas questões sobre a fé que enriquecem o sentido da práxis pastoral de animação vocacional. E, finalmente, são dadas algumas orientações pedagógicas que servem de orientação para a parte prática da pastoral vocacional: o kerigma vocacional e o acompanhamento para o discernimento vocacional.

Por fim, nós, agostinianos recoletos, agradecemos de todo o coração a disponibilidade e a dedicação de todos os agentes vocacionais de nossas comunidades locais, especialmente os leigos. Esperamos que este material seja uma ajuda útil para ajudar os jovens a descobrir onde Deus os quer e onde Deus sonha que sejam felizes.

*Secretariado das Vocações e da Juventude  
Seção das Vocações*





## Plano de desenvolvimento temático

### *Temas bíblicamente orientados*

1. Figuras bíblicas: Abraão e Moisés
2. Figuras bíblicas: São Paulo

### *Questões de orientação antropológica*

3. O Desejo
4. O significado da vida

### *Tópicos de orientação teológica*

5. O Espírito e a espiritualidade vocacional
6. A Igreja, mãe das vocações

### *Tópicos de orientação pastoral*

7. O Kerigma vocacional
8. Acompanhamento vocacional



## FIGURAS BÍBLICAS: ABRAÃO E MOISÉS

### Objetivo

Conhecer mais sobre o itinerário vocacional de algumas das grandes figuras da Bíblia e, em geral, verifique as características gerais de cada chamado de Deus. Além disso, fornecer ferramentas para apresentar expor em palestras, convivências ou retiros este tipo de aproximação bíblico-vocacional a figuras relevantes de nossa fé.

### Desenvolvimento do tema

Antes de nos determos em uma das figuras vocacionais mais importantes da Bíblia, vamos ler um texto de Santo Agostinho no qual ele nos mostra o quanto isso o ajudou a se aproximar da Sagrada Escritura:

“Cristo vem ao meu encontro de maneira manifesta ou oculta e me conforta em minha jornada por todos aqueles Livros e aquelas Escrituras, ofegante como estou do cansaço da condenação humana. O mesmo inflama o meu desejo em face de alguma dificuldade em encontrá-lo, de modo que devoro avidamente o meu achado e o retenho saudavelmente escondido dentro do meu interior” (*Contra Faustum*, 12, 27)

Quando lemos as Sagradas Escrituras, é sempre Cristo quem vem ao nosso encontro e nos ensina algo importante, por isso agora, com a vontade de aprender algo novo e de aumentar o nosso desejo de viver melhor a nossa vocação e de servir com paixão na tarefa da animação vocacional, vamos ver o que a vida de Abraão nos traz.

#### A) Abraão

O ciclo de Abraão começa no capítulo 12 do livro de Gênesis e se estende até o capítulo 25,18. Ele é o “primeiro crente” que se considera o ancestral do povo eleito. Os cristãos o consideram nosso pai na fé e os muçulmanos o chamam de “amigo de Deus”.

#### 1. Fontes<sup>1</sup>

Os quatorze capítulos do Gênesis dedicados a Abraão são uma união ou fusão de três tradições que originalmente remontam a eventos que ocorreram na primeira metade do segundo milênio a.C. e que foram elaborados, atualizados e escritos após uma longa transmissão oral ao longo dos séculos. Essas tradições foram reunidas entre os séculos X e V a.C. É sobre a história da família e do clã de um rico nômade, que criava pequenos animais, e que da Mesopotâmia veio para a fértil terra de Canaã, estabelecendo-se no sul do país, entre Hebron e Bersabeia, onde vive como estrangeiro. Narram-se os seus itinerários, as suas genealogias e as suas

---

<sup>1</sup> Aqui o termo “fonte” refere-se aos documentos e dados objetivos de que dispomos para estudar a figura de uma pessoa ou a história de uma comunidade. Compreendemos algo assim quando um jornalista fala sobre suas “fontes de informação”, neste caso se refere às pessoas ou documentos dos quais obteve as informações que lhe permitem divulgar ou apoiar uma notícia.



aventuras familiares, mas, sobretudo a sua relação com o único Deus que lhe foi revelado e a quem adora. O fio condutor da história de Abraão é a promessa de que Deus o fez de um filho, de uma numerosa descendência e da posse da terra de Canaã. A realidade se encarregou de contrariar essas promessas, porque sua esposa Sara era estéril e ele já era muito velho e os cananeus eram os legítimos donos do país. Mas as promessas começam a se cumprir em meio a uma série de contradições, já que seu filho Isaac nasce prodigiosamente e, no final da vida, Abraão se apropria de uma parte da terra de Canaã, da caverna de Macpela em Hebron, onde sua esposa Sara foi sepultada.

## 2. O homem de fé

A tradição mais antiga descreve a vocação de Abraão na forma de uma ordem rude de Deus para deixar sua terra natal decididamente para ir para uma terra desconhecida e receber a bênção para si mesmo, sua linhagem e todas as nações.

Abraão aceita sem questionar ou duvidar a proposta de Deus e deixa sua terra confiando exclusivamente Ele. A promessa de terra e descendência leva tempo para se concretizar, a ponto de diminuir a confiança do patriarca, que na seca busca refúgio no Egito, destina as melhores pastagens para seu parente Lot e faz de seu servo Eliezer seu herdeiro. Mas Deus rejeita todas essas soluções humanas, renova e realiza as promessas e faz com Abraão; uma aliança que equivale a um compromisso solene de realizar o projeto da graça a favor do patriarca.

A visita divina a Mambré, que se descreve de uma forma particularmente viva e antropomórfica, tem como objetivo anunciar um filho a pais especialmente inférteis dentro de um ano, mas "há algo difícil para o Senhor?".

Sara não acredita no anúncio, mas Abraão sim e medita silenciosamente sobre a surpreendente proposta divina. Assim, ele se torna um amigo íntimo do Senhor e intercede com grande ousadia pela salvação dos habitantes corruptos de Sodoma e Gomorra. Um ano depois nasce Isaac, o filho do milagre. Seu pai conseguiu para ele uma mulher da Mesopotâmia para preservá-lo da sedução da religião cananéia e da tentação de deixar a terra da promessa.

Abraão professa sua fé obedecendo às inspirações divinas sem hesitação, também quando às vezes parecem se opor às possibilidades humanas, invocando o nome do Senhor nos santuários cananeus e erguendo monumentos em memória das aparições divinas e das promessas recebidas.

## 3. Temente a Deus

A prova de fogo da fé de Abraão nos é relatado pela segunda tradição, isto é, a tradição Eloísta. Tratava-se de saber se o patriarca estava disposto a amar a Deus mais profundamente ou ao filho que recebera em cumprimento das promessas.

Parecia que Deus estava se contradizendo. Isaac nasceu graças a um milagre, e agora acontece que Deus reivindica sua vida, ainda jovem, para usá-la em sacrifício. Embora ele não entenda a atitude de Deus, Abraão obedece e está disposto a sacrificar seu filho primogênito. Mostra assim que crê e confia em Deus, não para benefício próprio, mas que reconhece seu senhorio supremo e absoluto, que pode assumir uma forma paradoxal e contraditória, mas sempre com o propósito de fazer o bem ao humano.

Este é o verdadeiro temor de Deus, ou seja, o respeito e veneração devidos ao Senhor perante seus misteriosos poderes e sabedoria. A aliança que Deus faz com Abraão é selada,



segundo a tradição sacerdotal, com o rito da circuncisão, que mais tarde será o sinal de pertença à comunidade do povo eleito para os nascidos em Israel.

#### 4. O modelo cristão

No Novo Testamento, Abraão aparece não apenas como o ancestral do povo de Israel, mas também como o progenitor do sacerdócio levítico e ancestral do Messias. O “seio de Abraão” é uma figura de felicidade sobrenatural e o céu é imaginado como o lugar onde o banquete com Abraão, Isaac e Jacó é celebrado.

Em suas cartas aos Gálatas e aos Romanos, São Paulo usa o exemplo de Abraão para confirmar, ao contrário do Judaísmo, que o patriarca obteve a justificação não pelas obras, ou seja, dignas de recompensa, mas pela fé, que supõe uma confiança absoluta na Palavra e na obra de Deus. Desta forma, Abraão é apresentado como o modelo histórico e o pré-anúncio profético da economia da fé e da graça.

Na Carta do Apóstolo Tiago -2,21-23- o patriarca Abraão aparece como o tipo de homem que agrada a Deus por suas boas obras baseadas na fé.

#### 5. Duas notas para concluir

##### *a) Deus também sabe sobre marketing vocacional*

Em relação à primeira parte da vida de Abraão, podemos tirar por conta própria a seguinte conclusão: Deus também conhece o marketing vocacional<sup>2</sup>. Ele o faz à sua maneira, com as promessas feitas a Abraão, que não são fáceis de cumprir, porque se realizam no decorrer de sua vida e exigem muito esforço pessoal. Acima de tudo, eles exigem total confiança em Deus para auxiliá-lo em cada etapa de sua longa jornada:

- O indica uma terra: não vagará sem rumo, porque Deus é sua bússola.
- Isso o tornará uma grande nação: um homem de fé e seu clã familiar se tornarão uma tribo e, mais tarde, um povo. Tudo tem um propósito em Deus.
- O abençoará: ou seja, desfrutará do favor de Deus em todos os momentos. Todo aquele que foi chamado e responde com sinceridade, participará desta bênção que vai além da ajuda e consiste na presença contínua de Deus.
- Engrandecerá o seu nome: não por ter fama ou reconhecimento, mas porque envolve uma grande responsabilidade: ser modelo de vida para os outros.
- Será uma bênção para todos: o favor de Deus por meio de Abraão será estendido a muitos.
- Abençoará quem o abençoa e amaldiçoa quem o amaldiçoa: quem recebe o enviado, recebe a bênção de Deus; aqueles que o rejeitam, rejeitam a Deus e sua bênção.

<sup>2</sup> A. ZAMBRANO, *La vocación en la Escritura*. En AGUSTINOS RECOLETOS, *Programa de Formación permanente 2018: Jóvenes, fe, vocación 2018*, p. 9.



### **b) A confiança de Abraão até o fim**

Na segunda parte de sua vida, vemos como esse homem de fé se dá conta de que o chamado de Deus exige uma resposta até o fim da vida. Lembremos que este segundo momento começa com a nova chamada e aliança que se confirma com um sinal muito sutil, que consiste na mudança de nome: 'Abrão' será chamado, a partir de agora, 'Abraão'. Os sinais do novo nome e a circuncisão confirmam a importância da nova incumbência e aliança de Deus com nosso personagem<sup>3</sup>. O importante mesmo é perceber como ao desconcertante pedido de Deus, de renunciar ao filho da promessa (Gn 22,1-11), Abraão responde com absoluta disponibilidade.

Tudo isso está bem expresso nas seguintes palavras da encíclica *Lumen Fidei*: "O Deus que pede a Abraão que confie totalmente nele se revela como a fonte da qual provém toda a vida. Desse modo, a fé é colocada em relação à paternidade de Deus, da qual procede a criação: o Deus que chama Abraão é o Deus criador, que "chama à existência o que não existe" (Rm 4,17), que "nos escolheu antes da fundação do mundo... e nos destinou a sermos seus filhos" (Ef 1,4-5). Para Abraão, a fé em Deus ilumina as raízes mais profundas do seu ser, permite-lhe reconhecer a fonte do bem na origem de todas as coisas e confirmar que a sua vida não vem do nada nem do acaso, mas sim de uma chamada e um amor pessoal.

O Deus misterioso que o chamou não é um Deus estranho, mas aquele que dá origem a tudo e tudo sustenta. A grande prova da fé de Abraão, o sacrifício de seu filho Isaque, permite-nos ver até que ponto este amor original é capaz de garantir a vida mesmo depois da morte. A Palavra que soube ressuscitar uma criança com o corpo "meio morto" e "no seio estéril" de Sara (cf. Rm 4,19), poderá também garantir a promessa de um futuro além de todas as ameaças ou perigo (cf. Hb 11,19; Rm 4,21)" (Papa Francisco, *Lumen fidei*, n. 11).

### **B) Moisés**

Moisés é a figura mais imponente da história de Israel, pois é o grande líder que libertou uma parte do povo judeu da opressão dos egípcios. Ele é o mediador da aliança do Sinai, o legislador profético-carismático que dotou o povo hebreu com um código de leis morais e civis. Ele é o fundador do culto e do sacerdócio e, em última instância, o intercessor e amigo de Deus. Está, portanto, na origem da fé e da história que sempre caracterizou Israel.

#### **1. Fontes**

As tradições sobre esse personagem gigantesco na Bíblia são encontradas nos livros de Êxodo e Números. Estas, por sua vez, são o resultado de uma longa transmissão oral, na qual convergem diferentes memórias que contêm diferentes interpretações da pessoa e dos acontecimentos a ela relacionados, e que é o resultado de uma reflexão posterior repleta de admiração.

É algo que Moisés, cujo nome egípcio significa "tirado das águas", é um notável judeu que viveu no Egito e que liderou um grupo de compatriotas oprimidos pelo Faraó. Ele os conduziu pelo deserto do Sinai, apresentando-os ao Deus da aliança, até os limites da terra de seus pais, não sem grandes dificuldades e oposição do próprio povo.

---

<sup>3</sup> *Ibid.*



## 2. Juventude

A vida de Moisés pode ser dividida em três períodos de quarenta anos cada.

a) Ele nasceu no Egito na época do genocídio dos judeus imigrantes. Ele foi salvo das águas do rio Nilo e amamentado por sua própria mãe e mais tarde criado e educado pela filha do Faraó. Na corte, ele recebeu a educação de um escriba e foi um importante funcionário público para seus irmãos de sangue. A constatação da opressão de seu povo o empolgou a tal ponto que um dia, quando viu um egípcio flagelar um judeu, ele o matou e enterrou na areia. Quando isso foi descoberto, ele teve que fugir.

b) Moisés refugiou-se no deserto de Midiã, perto da cordilheira do Sinai, e tornou-se um pastor que pouco se preocupava com o destino de seus irmãos escravos. Casou-se com a filha de Jetro, que lhe deu dois filhos.

c) Mas Deus interveio para fazê-lo sair do seu retiro no deserto e confiar-lhe uma missão sobre-humana: libertar os seus irmãos da escravidão do Faraó. De um arbusto de acácia em chamas –sarça-, localizado na encosta da montanha, o Senhor ordenou-lhe que fosse ao Faraó, para obter a libertação dos escravos e levá-los ao deserto para dar-lhes um culto legítimo. Deus revela seu nome pessoal, “Yahweh”, e concede-lhe poderes milagrosos. Moisés faz algumas objeções, mas o Senhor responde assegurando-lhe sua ajuda e a de seu irmão Aarão.

## 3. O libertador

Moisés retorna ao Egito e se dirige ao Faraó. Mas ele se recusa a deixar os judeus partirem e Moisés causa as dez pragas.

A celebração da Páscoa marca o início do êxodo, que inclui a passagem do Mar de Juncos e a permanência de quarenta anos no deserto do Sinai. Eles são guiados por uma coluna de nuvem de fogo e seu caminho é caracterizado pela dádiva do maná e pela água que jorra da rocha.

No deserto, Moisés é levado à raiva, para punir a idolatria e orar para que o povo permaneça fiel ao seu chamado. A vitória sobre os amalequitas e a salvação das cobras venenosas se devem à sua oração. Sua interseção obteve perdão divino após a apostasia para a adoração do bezerro de ouro.

Um dos traços característicos de Moisés é sua intimidade com Deus. A teofania do Sinai se torna um diálogo com o Senhor. Ele tem o privilégio de contemplar a glória de Deus. Por isso, ao descer da montanha, traz no rosto radiante o sinal da presença divina.

## 4. O mediador

No processo da aliança que Deus selou com seu povo no Monte Sinai, Moisés é o principal protagonista e o único mediador. Ele promulga a lei fundamental do Decálogo e o chamado código da aliança, e sela o pacto derramando sobre o altar - símbolo de Deus - e sobre o povo o sangue das vítimas sacrificadas, confirmando assim a comunhão de vida entre os dois signatários do pacto.

Todas as leis que surgiram na história de Israel, em sintonia com as diferentes circunstâncias políticas e sociais, foram atribuídas a Moisés e reunidas nos livros de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Há um ponto negro na história de Moisés, e é o pecado atribuído a ele na região de Cades e que o impediu de entrar na terra de Canaã. Depois de nomear Josué como seu sucessor, ele morre sozinho olhando do Monte Nebo para a terra prometida aos padres em toda a sua extensão.

## 5. Moisés no Novo Testamento

No Novo Testamento, Moisés é apresentado como o mediador da revelação divina, ou seja, da lei. Ele é considerado o profeta que antecipa simbolicamente a vinda de Cristo, sua ressurreição dos mortos, a missão entre os pagãos e o acontecimento pascal. Na transfiguração de Cristo, ele aparece junto com Elias, como representante qualificado do povo da antiga aliança. Ao afirmar que todos os que deixaram o Egito foram batizados em Moisés, São Paulo projeta a realidade cristã sobre os acontecimentos do passado.

A glória de Moisés, de que fala 2 Coríntios 3: 7-11, evidencia a beleza do Evangelho, porque a descoberta do rosto de Moisés diante do Senhor é assumida como conversão a Cristo.

Na carta aos Hebreus, a confiabilidade de Moisés em relação à casa de Deus serve de comparação para exaltar o poder soberano de Cristo. Moisés participou antecipadamente da reprovação de Cristo e sua canção é retomada pelos anjos do Apocalipse antes que os sete flagelos sejam desencadeados.

Por fim, podemos fechar este tópico com um texto sobre Moisés dirigido aos jovens:

*“Lembro-me das palavras que Deus dirigiu a Abraão: « Vai da tua terra, da tua pátria e da casa de teu pai à terra que eu te mostrarei » (Gn 12,1). Estas palavras também se dirigem a vós hoje, são palavras de um Pai que vos convida a «sair» para se lançarmos a um futuro desconhecido mas prometedor de certas realizações, às quais ele mesmo vos acompanha. Convido-vos a escutar a voz de Deus que ressoa no coração de cada um através do sopro vital do Espírito Santo” (Sínodo dos Bispos. Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional. Documento preparatório. Carta do Papa Francisco aos jovens).*

## Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



1. Que relação ou ponto em comum você encontra nessas duas figuras bíblicas?
2. Com qual você se identifica mais?
3. Se você tivesse que preparar uma palestra ou tema vocacional com algum deles, que título você daria?

## FIGURAS BÍBLICAS: SÃO PAULO

### Objetivo

Conheça mais sobre o itinerário vocacional de alguns homens na Bíblia e, em geral, verifique as características gerais de cada chamado de Deus. Além disso, forneça ferramentas para expor este tipo de abordagem bíblico-vocacional em palestras, reuniões ou retiros de figuras importantes de nossa fé.

### Desenvolvimento do tema

#### Uma figura-chave no Novo Testamento

Assim como iniciamos o tópico anterior com uma frase de santo Agostinho que nos permitiu ver o valor que a leitura da Bíblia teve para ele, da mesma forma iniciamos este tópico com um texto agostiniano que se desenvolve na mesma direção e na qual menciona explicitamente São Paulo:

“Nós [católicos], pelo contrário, lemos os livros dos profetas e dos apóstolos para lembrar a nossa fé, confortar a nossa esperança e exortar-nos a amar; livros que mostram sua mútua concordância, e com essa concordância, como uma trombeta celestial, nos despertam do torpor da vida mortal e nos colocam em tensão na palma da mão da vocação suprema. Quando o apóstolo menciona o que está escrito nesses livros proféticos: Os ultrajes daqueles que te insultaram caíram sobre mim, ele imediatamente indica por que a leitura divina é útil: Tudo o que foi escrito anteriormente, ele diz, foi escrito para nossa instrução. , para que pela paciência e consolo que a Escritura nos dá, possamos ter esperança em Deus” (*Contra Faustum*, 13, 18).

É uma citação de Rm 15,4, e ajuda a santo Agostinho a mostrar como é útil para os católicos a leitura da Palavra de Deus, que não tem outra finalidade senão fazer crescer as três virtudes teológicas - fé, esperança e caridade-, “acordando” quando necessário e orientando-nos, não sem tensão, para a meta da nossa vocação. Pois bem, vejamos como a Bíblia desperta isso em nós ao nos propor o Apóstolo Paulo como modelo de resposta vocacional.

#### *São Paulo, o Apóstolo de Cristo*

Sobre este grande gênio religioso da humanidade e o primeiro evangelizador do mundo greco-romano, estamos mais bem informados do que sobre qualquer outro personagem do Novo Testamento. São treze cartas que levam seu nome e sete que saíram diretamente de sua pena ou de seus lábios. Além disso, os Atos dos Apóstolos dedica dezesseis capítulos ao trabalho missionário do apóstolo.



## 1. O homem culto e brilhante

Ele nasceu em Tarso da Cilícia por volta de 5/10 AC. C. em uma família de judeus praticantes. Ele recebeu treinamento rigoroso e o completou em Jerusalém com o Rabino Gamaliel. Ele se familiarizou muito com a Torá e com os métodos rabínicos de interpretação. Ele pertencia ao grupo fariseu, muito comprometido com a observância da tradição, e se distinguia entre seus contemporâneos por seu zelo na observância da lei. O mundo grego estava intimamente ligado, já que ele conhecia muito bem sua língua e em parte sua literatura, como testemunham algumas citações de autores gregos. Ele era um cidadão romano de nascimento. Seu nome original era Saulo, o nome do primeiro rei de Israel, mas em todas as cartas ele é chamado de Paulo, um nome latino.

Podemos dizer que ele era um homem de três mundos: judeu de origem e formação, grego de nascimento e cultura, romano de cidadania. Ele tinha uma inteligência aguçada e original que o tornou o primeiro teólogo do Cristianismo, e uma vontade enérgica que o fez realizar uma enorme obra evangelizadora; fundar diferentes comunidades em meio a contínuas dificuldades e perseguições. Ele tinha um temperamento apaixonado e intransigente em princípio, mas era gentil e compreensivo nas questões práticas e muito sensível nas relações humanas. Ele era ao mesmo tempo impetuoso e humilde, tímido e ousado, independente e temeroso da solidão, afetuoso e sarcástico, cortês e duro, generoso e amargo.

Em Paulo existem alguns dons que em outros parecem excluídos: é pregador e escritor, missionário e fundador de igrejas, pensador e organizador, pastor de almas e místico. Embora ele tivesse uma doença misteriosa, seu físico era duro. Na verdade, permitiu-lhe atravessar as regiões áridas da Ásia Menor até os maiores centros do Mediterrâneo oriental em meio a inúmeros fadigas e problemas.

## 2. A vocação

Sua profunda adesão à fé judaica o levou a adotar um comportamento agressivo contra o cristianismo nascente. Ele perseguiu especialmente os cristãos helenistas, que se permitiam criticar a lei de Moisés e o templo de Jerusalém. Em sua opinião, era ímpio reconhecer Jesus como o Messias porque todos aqueles que foram condenados a morrer na cruz foram considerados amaldiçoados por Deus. Mas na estrada para Damasco aconteceu algo sem precedentes. O perseguidor da Igreja tornou-se, em um instante, o ardente apóstolo de Jesus Cristo.

Paulo se torna outro homem, porque não apenas crê em Cristo, mas também é incumbido de pregar o evangelho especialmente aos pagãos. Ela reconhece Jesus como o Filho de Deus que, para salvar a humanidade, se oferece em sacrifício na cruz e é exaltado à direita do Pai. Afirma que a cruz é a manifestação suprema do poder e sabedoria de Deus. O que leva todas as pessoas, e não apenas os judeus, à salvação não é a lei de Moisés, mas exclusivamente a fé em Cristo.

Consciente de possuir a missão e autoridade dos doze apóstolos, Paulo dedica todas as suas forças à pregação do evangelho. Ele é batizado em Damasco, prega pela cidade -Arábia-, depois sobe para Jerusalém e, não sendo compreendido pelos cristãos, retira-se para Tarso, sua cidade natal. Chamado alguns anos depois para Antioquia, onde surgiu a primeira comunidade cristã mista, composta de judeus convertidos e pagãos, ele passa um ano instruindo uma multidão imensa.

De Antioquia empreende três viagens missionárias que o levarão primeiro a Chipre e ao sul da Anatólia (Perge, Antioquia da Pisídia, Icônio, Listra e Derbe), junto com Timóteo.



Continuam em direção ao noroeste, até os Dardanelos, e chegam a Troada, de onde passam para a Grécia e, finalmente, embarca novamente para Tiro, Cesaréia e Jerusalém, onde foi preso. Em Corinto e Éfeso escreveu as várias cartas às Igrejas que fundou e como preparação para a sua visita a Roma.

Depois de sua primeira viagem missionária, São Paulo participa em Jerusalém da primeira conferência apostólica e defende que os gentios convertidos estão isentos de observar as prescrições mosaicas. Ele é acusado em Jerusalém, onde tinha ido levar a coleta para a Igreja, por alguns judeus ressentidos, e foi preso pela guarnição romana da cidade e levado para Cesaréia Marítima, por motivos de segurança. Aqui, na sede dos procuradores romanos, ele passou dois anos em um regime prisional atenuado.

São Paulo recorre ao seu direito de cidadania romana e apela ao tribunal do imperador. É por isso que é conduzido por uma escolta a Roma, aonde chega depois de uma viagem complicada. Lá ele passa dois anos na prisão aguardando o processo. Segundo as cartas pastorais e os escritos apostólicos, Paulo teria ido para a Espanha e depois para o Oriente. Ele foi detido novamente e levado de volta para Roma, onde, após uma dura prisão, foi martirizado em Águas Salvas na Via Ostiense.

### 3. O apóstolo

São Paulo tem uma verdadeira paixão pela evangelização, que ele via como uma necessidade. Ele se sente em dívida com todos, judeus e pagãos, cultos e não cultos, sábios e ignorantes, gregos e bárbaros. Está preparado para atender a todos os públicos. Ele anuncia Cristo em pretórios e prisões, nas naves e nas praças públicas, nas sinagogas e nas escolas. Trata-se com muita segurança de reis e príncipes, de governadores romanos e membros do areópago, de senhores e escravos, de gente comum das cidades portuárias da costa mediterrânea e dos habitantes rústicos das montanhas da região da Galácia.

O principal instrumento que São Paulo utiliza para difundir o Evangelho é a “palavra”, entendida como primeiro anúncio de salvação aos não crentes, e também como um aprofundamento da fé entre os membros já batizados das diferentes comunidades que havia fundado. As cartas que enviam às Igrejas também procuram contemplar o ensino evangélico feito oralmente. Para evitar qualquer obstáculo na evangelização, ele rejeitou qualquer ajuda financeira das comunidades, exceto uma, a comunidade de Filipe.

No mundo grego, qualquer trabalho manual reservado para escravos era considerado degradante. Mas Paulo, como um pobre homem de Cristo, trabalha como “fazedor de tendas”. Estabelece relações muito íntimas, que expressa com a linguagem do amor e da família, com os seus colaboradores e com as Igrejas que fundou. Toda a sua vida é marcada por contradições e sofrimentos. Suas longas jornadas para regiões inóspitas e perigosas eram frequentemente realizadas em condições terríveis. À noite, ditava a correspondência, recebia visitantes e presidia as reuniões litúrgicas.

Ele foi torturado e estava na prisão. E ele conhecia muito bem os contrastes, a refutação e a calúnia dos judeus não crentes, dos cristãos judaizantes e dos membros das igrejas. Mas isso não diminuiu seu zelo, que via nas tribulações da vida apostólica uma participação no sofrimento de Cristo e um serviço aos irmãos. A oração contínua e fervorosa acompanhava e às vezes substituía o trabalho apostólico.

São Paulo sempre foi - e continuará a ser - o modelo perfeito de seguidor de Cristo, o missionário indomável, o fundador de igrejas, o teólogo da fé e da graça. Com seu zelo ardente,

com sua generosidade infalível, com a mística do sofrimento e da oração, ele levou ao mundo greco-romano o evangelho da salvação que Jesus pregou na Palestina.

Poderíamos encerrar este tópico com alguns textos de suas cartas que refletem especialmente sua experiência de fé:

- *“Esquecendo-me do que fica para trás e avançando para o que está adiante, prossigo para o alvo, para o prêmio da vocação do alto, que vem de Jesus Cristo” (Fl 3,13-14).*
- *«Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vivi em mim”. Minha vida presente na carne, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim» (Gl 2,20)*
- *“Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fl 1,21)*

Sem dúvida, tudo o que foi visto até agora nos levará a continuar pensando na figura de São Paulo como modelo de resposta vocacional. Pois bem, encerremos este tema com as seguintes palavras que descrevem a profunda experiência de amor que o Apóstolo viveu:

“São Paulo foi um homem capaz de amar e todas as suas ações e sofrimentos só se explicam a partir deste centro. Os fundamentos do seu anúncio são compreendidos apenas sobre essa base. Vamos pegar apenas uma de suas palavras-chave: liberdade. A experiência de ser amado profundamente por Cristo lhe abriu os olhos para a verdade e para o caminho da existência humana; essa experiência abarca tudo. São Paulo era livre como homem amado por Deus que, em virtude de Deus, era capaz de amar junto com ele. Este amor é agora a “lei” da sua vida, e precisamente esta é a liberdade da sua vida. Fale e age com base na responsabilidade do amor. Liberdade e responsabilidade estão inseparavelmente unidas aqui. Por estar na responsabilidade do amor, ele é livre; por ser alguém que ama, vive totalmente na responsabilidade deste amor e não considera a liberdade pretexto para o arbítrio e o egoísmo” (Bento XVI, Homilia por ocasião da inauguração do ano paulino, 28 de junho de 2008).

## Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



1. O que mais te impressiona na vida de São Paulo?
2. O que sua conversão, vocação e missão podem dizer aos crentes de hoje?

## O DESEJO<sup>4</sup>

### Objetivo

Identificar no coração do homem o desejo de Deus que, bem educado e preparado, ajuda o homem a realizar-se plenamente como pessoa. A vocação é para aquele que crer uma forma de responder ao profundo desejo de felicidade.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. O homem, animal que deseja

##### a) Perfil Bíblico

Na antropologia bíblica, o homem é visto desde as origens (cf. Gn 2, 7) como um vivente que deseja, que está em constante tensão por algo que está sempre “além”, como um desejo intenso que pode e deve tornar-se paixão e que só Deus pode cumprir.

O único desejo: ver Deus. Com efeito, na raiz de todos os desejos do homem está aquele que, segundo a Bíblia, é o único, verdadeiro e profundo desejo humano: Deus, de ver o seu rosto (cf. Sl 42,2; 63,2-3; 119, 20; 123, 2; 130, 6; Is 26, 8; Ap 22, 20). Desejo profundo e constante e, ao mesmo tempo, impossível de apagar-se completamente.

Os desejos de Deus. É lindo pensar que Deus Pai também deseja. Quer manifestar o seu amor e dar a salvação, mas também quer dar ao homem a certeza definitiva da sua dignidade, semeando-se, primeiro, no coração do homem a saudade de Deus: “Tu nos criaste para ti, Senhor, e nosso o meu coração está inquieto até que repouse em vós” (Agostinho, Confissões I, 1,1).

A expressão plena do desejo divino é o coração humano do Filho de Deus encarnado, literalmente devorado pelo desejo da sua Páscoa (cf. Lc 12,49; 22,15). Jesus é a manifestação, por um lado, dos desejos divinos - o que Deus deseja para o homem - e, por outro, dos desejos humanos - o que o homem deseja como objetivo de sua existência. O acontecimento do Deus Homem, Cristo Jesus, permite-nos vislumbrar algo muito importante: nos desejos humanos de cada homem há sempre um vestígio do desejo divino, do que Deus deseja para o homem e do que o homem aspira como desejo primeiro e último, ainda que não o saiba, que é Deus mesmo.

##### b) Perfil antropológico

Ao nível da experiência psicológica que todos vivemos e vivemos como seres humanos, o desejo tem uma estrutura complexa e variada, como algo que normalmente acompanha a vida e ocupa o centro da existência, especialmente em alguns momentos cruciais.

Definição de “desejo”. Desejar significa concentrar-canalizar todas as energias na direção de algo que é importante em si mesmo e ao mesmo tempo é considerado central na própria vida. É uma tendência significativa para algo que é valioso em si mesmo e que o indivíduo descobre, sente e quer no centro da vida e do seu próprio futuro.

Componentes que constituem o desejo. O desejo é “realizado” em sua essência de verdade e liberdade; capacidade, sobretudo, de apreender algo em sua verdade profunda e, além disso,

<sup>4</sup> Este tema está fundamentalmente tomado de A. CENCINI, “Deseo”, en: E. BORILE, L. CABBIA, Y L. MAGNO (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005, 1114-1150.

a liberdade de senti-lo verdadeiro também para a própria vida, a ponto de experimentar o gosto e a atração por ele.

Manifestações de desejo. O desejo tem duas faces: satisfação e não satisfação. Ambos são indispensáveis. Nesse sentido, o desejo nasce de uma situação de insatisfação, de um vazio, da consciência do próprio limite, e leva à sensação oposta, a de posse quando o desejo se realiza.

Desejo e decisão. O desejo se torna intenso na medida em que o sujeito sente que o objeto desejado será capaz de cumprir suas expectativas, então ele tende a ele com todas as suas forças. Ele não se contenta com mais nada, suporta a frustração de não poder possuir imediatamente esse objeto, mas continua a concentrar todas as energias na tensão ativa em relação a ele, fazendo escolhas consistentes com o próprio desejo. Nessa concentração de energia nasce a decisão.

Renúncia e espere. A renúncia é a contrapartida inevitável do desejo; é o que o torna confiável. Ao desejar uma coisa, diz-se não ao seu oposto e, sobretudo, renuncia-se a tudo o que, entretanto, com o tempo, pudesse induzir o sujeito a contentar-se com o menos ou com um bem inferior ao que é desejo, bloqueando todo caminho de transcendência e de superação do mesmo desejo. Por isso, no desejo a capacidade de espera é importante, como espaço de purificação do desejo para o crescimento do desejo. Santo Agostinho diz sobre isso:

“Suponhamos que queira encher uma bolsa e sabe que o que vai receber é muitíssimo maior; estica a bolsa, o saco ou a pele ou qualquer outro objeto desse tipo. Sabe as dimensões do que deseja colocar; esticando aumenta sua capacidade. Da mesma forma, Deus, fazendo-te esperar, amplia o desejo; fazendo esperar, faz crescer a alma, e fazendo crescer a alma, torna-a capaz de recebê-lo. Desejemos, pois, irmãos, porque seremos saciados” (*In Ep. Io. 35, 4, 6*).

E também:

“Deus põe de lado o que Ele não quer dar-te imediatamente, para que aprendas a desejar com maior ânsia as coisas grandes” (*Sermão 61*).

Desejo e vocação. Nessa perspectiva, é preciso considerar a relação entre desejo e vocação, que é também relação entre desejo e identidade. Desejar significa abrir a própria vida para algo novo, que ainda não é totalmente conhecido, mas que parece significativo e atraente; é projetar-se para o futuro, para aquilo que não se possui, mas no qual se reconhece, mesmo que em termos que vão muito além da própria identidade atual. Daqui nascem essas observações:

1) O desejo vocacional autêntico é aquele que delinea uma forma de ser qualitativamente superior ao que se é; Ou seja, esse desejo só é verdadeiramente vocacional se oferece e sonha o máximo para o sujeito, o máximo que possa dar. Quem pensa o futuro em termos de alojamento (econômico, sentimental, profissional...) não é um autêntico desejo vocacional, nem o desejo que se contenta simplesmente em escolher algo absolutamente acessível sem qualquer risco, sem qualquer novidade ou sem ter de pagar qualquer preço. Nesse sentido, o risco real é o de



se tornar uma fotocópia de si mesmo e se repetir ao longo da vida, enquanto o desejo vital é substituído por uma saciedade temporária.

2) Esta segunda observação está intimamente ligada à anterior. Para bem escolher, não basta a (pretendida) certeza de ser capaz de responder às exigências da vocação; é essencial ser atraído pelo que ela significa e por sua beleza. Aquele que escolhe porque é atraído continuará a desejar esse ideal, mesmo nas provações; Aquele que escolhe só porque se sente capaz não sentirá mais muitos desejos quando se sentir um pouco menos capaz. Na verdade, só um desejo cada vez mais intenso mantém alta a tensão pela busca e realização da própria vocação. E vice-versa: a fidelidade vocacional torna a atração por ela cada vez mais forte.

3) Não basta escolher e estar disposto a realizar uma vocação só porque “é a vontade de Deus”, mas é preciso que a pessoa perceba uma atração e seja motivada internamente para fazer essa escolha. Certamente será necessário discernir a qualidade e o motivo do desejo, mas em todo caso a vocação só funciona se exercer uma certa atração sobre o assunto. E só funciona se, além de agradar a Deus, essa escolha também agrada a quem a escolhe; caso contrário, será apenas moralismo ou perfeccionismo mais ou menos relevante, mas com muito pouca consistência ao longo do tempo e pobre em sua qualidade de testemunho.

## **2. Pedagogia vocacional do desejo**

Como vimos o desejo não é apenas um instinto de atração incontrolável, mas o fim de uma jornada que é amplamente atribuída à liberdade e responsabilidade humanas. Ou seja, é possível educar o desejo. A pastoral vocacional é, basicamente, um processo de formação do desejo que se articula em dois momentos pedagógicos.

### ***a) Educação dos desejos***

Educar significa “revelar” (e-ducere), revelar antes de tudo a verdade da pessoa. Essa verdade que surge de forma totalmente particular e se esconde justamente nos desejos.

Desenterrar o desejo. Trata-se, sobretudo de ajudar a pessoa a descobrir o que ela realmente deseja, qual é o seu verdadeiro objetivo, que nem sempre se identifica com o objeto explicitamente desejado. Há uma verdade que está além da aparência das palavras que são ditas, das ambições que são confessadas, dos temores que são declarados. O educador vocacional tem a função justamente de fazer essa escavação, de captar o que se esconde por trás do que o jovem diz de si e acredita de si mesmo. Oração, lugar de descoberta. Rezando... se escava. Orar, em efeito, significa estar diante da verdade de Deus e da verdade de si mesmo. Nada como a oração tem o poder de descobrir tendências inconfessadas, egoísmo latente, medos jamais encarados, aquele desejo oculto que está por trás do desejo expresso (em todo desejo), especialmente quando oramos à luz da Palavra, espada de dois gumes examina em profundidade e diante do Pai rico em misericórdia.

A vocação para além da negação. Para além dos medos ou resistências, das censuras internas e de tudo o mais que possa servir para negar a vocação, existe no ser humano uma predisposição vocacional como vontade de ser chamado, que marcou as suas origens (chamada à vida). e continuará marcando sua existência. O verdadeiro drama do homem está em não ser chamado por nada nem por ninguém: seria um sinal da mais absoluta insignificância. E quanto



mais alto está na escala dos seres aquele que chama, mais dignidade outorga a chamada e se torna mais vinculativa para o chamado. É por isso que existe no homem uma exigência ou expectativa de uma relação dentro da qual nasce uma exigência ou desejo da vocação.

“Educação” do desejo vocacional. Já podemos compreender o que significa educação vocacional: um olhar que sabe ir além das aparências, ou a capacidade de interpretar a rejeição, a negação e o desinteresse, sem assim fechar o diálogo nem retirar a proposta vocacional. Significa também paciência para esperar os tempos de maturação e a intuição que capta seus germes ou sinais mínimos. Da mesma forma, requer a capacidade de fazer a pergunta certa, o que nos permite retroceder no caminho do desejo adormecido e negado, junto com a arte de fazer memória da história pessoal para redescobrir o mistério perdido do chamado. E tudo isso pode ser feito a partir de qualquer desejo humano expresso pelo jovem; Todo desejo humano esconde um desejo vocacional.

### ***b) Formação dos desejos***

Não basta educar; também é preciso formar, ou seja, propor uma forma. Sugere-se uma forma como norma de vida na qual se chega a delinear e reconhecer a identidade vocacional, a forma de Cristo.

É a fase de formação dos desejos. Estes, depois de terem sido descobertos e reconhecidos, podem também ser convertidos e formados, de modo que aquela forma-norma de vida proposta e feita própria seja objeto também do desejo do jovem e não exista suspeita alguma de obrigação ou imposição de qualquer tipo.

*Escalar os desejos.* Se educar significa desenterrar o desejo, treinar significa antes de tudo escalá-lo, ou seja, chegar ao seu ponto mais alto, ao máximo de tensão que pode atingir, em certo sentido, superá-lo ou, pelo menos, perguntar se se está realmente em condições para satisfazer o objeto que se aspira explicitamente como meta do desejo e para satisfazer o indivíduo que o deseja.

Especificamente, escalar os desejos significa colocar cada desejo (e cada jovem que deseja) diante destas questões: aonde esse desejo pode me levar ou o que está por trás de uma gratificação imediata dele? O objeto desejado não me remete a um objetivo posterior? Como isso poderia ser totalmente realizado? Qual é o seu verdadeiro ponto de chegada?

*Da multiplicidade à unidade, da dispersão à concentração.* Esta é também a primeira regra para o crescimento do desejo vocacional: voltar à unidade do coração para concentrar as energias na tensão em direção ao centro natural da vida humana, Deus. Ou seja, trata-se de evitar a dispersão de energias, consequência de uma vida sem dúvida crente, mas pouco coerente com o credo professado, mais ou menos atormentado, portanto, de contradições e mediocridade, de opções sempre adiadas. e nunca radical ... É o caso de tantos jovens crentes incoerentes, cujos desejos se dispersam confusamente e nunca chegam a se concentrar em um projeto de vida único e unitário.

*Olhe alto para desejar o máximo.* Se a escavação do desejo é uma espécie de “descida ao inferno”, escalar o desejo significa o contrário: ter a coragem de manter alto o olhar ou a tensão do jovem, mas evitando, em todo o caso, sugerir e, menos ainda, impor. Por exemplo, a busca pelo sucesso ou autoafirmação pode ser satisfeita simplesmente pelo triunfo na frente de todos e o conseqüente aplauso de todos. Algum diretor espiritual pode pensar nisso simplesmente como um desejo pagão que deve ser eliminado, mas na realidade, isso não contém a busca por algo mais? Do contrário, como você explica o fato de que o sucesso não satisfaz, antes cria dependência e aumenta uma certa angústia?



A busca do sucesso, portanto, não poderia ser interpretada como sinal de um desejo que abre o homem a projetos de outro tipo, muito superiores aos de quem recorre ou é impelido a recorrer a determinado acontecimento unicamente humano? O desejo universal de felicidade, já não é em si mesmo um sinal de auto transcendência? A habitual necessidade de amar, de ser amado e de amar, não indica em si aquela famosa inquietação agostiniana? O desejo banal de se divertir não é sinalizar, em sua raiz, a necessidade de se relacionar e de se distanciar um pouco de si mesmo e de uma realidade à qual se está muito apegado?

O formador vocacional inteligente não zomba nem despreza nenhuma dessas expectativas, mas é quem ajuda a compreender que em cada uma delas há algo mais, muito mais. Mesmo que o objeto humano aspirado e esperançosamente já saboreado é apenas o pressentimento de uma realidade diversa que Deus preparou para o homem, que o coração do jovem está procurando, que ele pode, sem dúvida, encontrar e desfrutar. Escalar o desejo significa, portanto, ensinar a ler o próprio desejo, projetando-o para além de si.

Olhar para cima e ajudar a olhar para cima significa acolher e aproveitar todos estes desejos, todos os desejos humanos, para mostrar o seu ponto de chegada natural e sobrenatural. Esta é a condição ou a maneira de pedir ao jovem que deseja ao máximo, não se contentar com gratificações parciais ou ilusórias, com objetivos enganosos..., mas chegar a desejar para si tudo e nada menos que o que Deus você quer para ele.

Oração, lugar de torção dos desejos. Nesse ponto, a formação vocacional significa oração e um certo tipo de oração. Se no tempo da educação do desejo a oração era o lugar ideal para desenterrá-lo, na lógica da formação a oração é fundamental para outra operação singular: a torção do desejo.

Por torção entende-se a transformação ou, no seu sentido literal, o virar do tronco sobre si mesmo, com o qual queremos expressar não a anulação dos desejos humanos ou sua desvitalização, mas, pelo contrário, trata-se de devolver o desejo com todos. Sua energia em direção ao seu destino natural ou objetivo final. Isso é o que inevitavelmente faz saltar a medida simplesmente humana das aspirações juvenis e abrir a porta para o espaço ilimitado do desejo divino. Movimento natural, como o girassol que “busca” o sol, mas também doloroso e arriscado.

Torcer pode despertar o medo e a vontade de cancelar tudo, contentar-se com muito menos e acatar conselhos mais brandos. Por isso, é importante que o jovem viva tudo isso na oração, na redescoberta de uma nova relação com Deus. Só na oração o ser humano pode abrir-se a esta realidade diversa, imprevista e incompreensível, pois a oração, neste ponto, é antes de tudo uma ação de Deus naquele que reza, é a Palavra e o amor e a energia de Deus que deseja no que reza.

A centelha da decisão vocacional. Nesse ponto, o desejo pode e deve se tornar uma decisão. Vimos na primeira parte que existe uma relação muito estreita entre o desejo e a decisão: um leva ao outro, o segundo confirma o primeiro. Este também é o caso na decisão vocacional. E se hoje muitos jovens parecem multiplicar experiências, mas sem se decidir, isso pode ser devido à falta de atenção ao dinamismo do querer, especialmente na relação entre desenterrar o desejo e escalar o desejo. Na verdade, os dois movimentos deveriam idealmente trazer à tona o desejo do homem e o desejo de Deus. A primeira purificada de tantas incrustações e interferências e aberta ao chamado, a segunda, como raiz e destino do desejo humano. Tais movimentos são, normalmente, inversamente proporcionais uns aos outros: quanto maior profundidade alcança um, maior altura sobre o outro e quanto mais se escava mais se soube; quanto mais se educa, mais se forma.

Em todo caso, o encontro entre os dois desejos deve acender aquela centelha da qual nasce à decisão vocacional; como um lugar onde o desejo do jovem coincide com o de Deus. Por um lado, o chamado de Deus atrai o coração-mente-vontade do jovem; por outro, o jovem pode afirmar com toda a verdade que agora escolhe o que agrada a Deus, que, por sua vez, é o que também gosta. É a plena liberdade do desejo humano.

As palavras de Santo Agostinho, para quem o homem é um ser de desejos, podem ajudar-nos a concluir este tema e a passar a um momento de reflexão pessoal e de diálogo comunitário, como fazia com os seus amigos e irmãos:

*“Toda a vida do bom Cristão é um santo desejo. O que desejas ainda não vês, más desejando-o te capacite para que, quando chegue o que há de ver, te enchas dele (...). A nossa vida consiste precisamente nisso, em exercitar-nos no desejar”  
(Comentário à Primeira Carta de João, 4, 6).*

### Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



- 1- Em quais momentos da sua vida você sente o desejo de Deus ou a felicidade?
- 2- De que forma esse tema pode ser discutido com os jovens, para que sirva na elaboração de um projeto vocacional de vida?

## SENTIDO DE VIDA<sup>5</sup>

### Objetivo

Este material visa ajudar a reconhecer que toda vocação significa descobrir que a vida tem sentido. Portanto, é necessário fazer, em algum momento da vida, a pergunta: qual é o sentido da minha vida? Este material pode servir de base para que os agentes da pastoral vocacional questionem os jovens sobre o sentido e a orientação fundamental de sua vida.

### Desenvolvimento do Tema

#### 1. Postulado do significado da existência

O ser humano é caracterizado pelo uso da razão. Usar a razão significa tomar consciência dos desafios e reivindicações que a vida apresenta nos diferentes níveis (psicológico, existencial e espiritual), em busca de soluções possíveis para manter o equilíbrio físico, emocional e espiritual, e perseguir o instinto de felicidade que todos nós carregamos dentro.

O uso da razão pode ser resumido na compreensão e interpretação que o complexo mecanismo de percepção, atenção e avaliação sintética das coisas reúne. Essa combinação maravilhosa favorece uma experiência tipicamente humana<sup>6</sup>, que encontra seu alcance de expressão na linguagem, no que é comunicado<sup>7</sup> e compartilhado.

A linguagem é sinal e canal de manifestação do mistério da vida humana que, ao mesmo tempo, atesta que o ser humano é inteligente, livre, criativo, sociável e profundamente religioso.

O ser humano se questiona sobre o sentido da existência a partir do momento em que se dá conta de que é um ser vivente localizado neste mundo, junto com seus semelhantes. Especificamente, essa questão surge por duas razões principais. Primeiro, pelo reconhecimento do conjunto de necessidades básicas do corpo, satisfeitas ou não satisfeitas. E, a segunda, pela presença de desejos diversos, inclusive espirituais, nos dinamismos internos. Ambas as realidades impulsionam o ser humano a assumir valores e gerar valores, e a dar um direcionamento para sua própria vida a partir de ideais e, geralmente, da transcendência<sup>8</sup>.

Curiosamente, a pergunta sobre o sentido da vida torna-se mais exigente quanto mais consciente a pessoa tem de si mesma e mais profundamente envolvida na existência. Existência que se define nas coordenadas históricas, geográficas, antropológicas e religiosas. E que, obviamente, está em constante desenvolvimento desde o momento da concepção até o dia da morte, passando por várias etapas vitais.

O ser humano, como um todo, é um conjunto inseparável de natureza –caractere e temperamento- e cultura-aprendizagem, valores, tradições, meio ambiente, etc.- que se define e se concretiza gradativamente em um projeto de vida. , de autoconhecimento, relacionamento com outras pessoas, trabalho, contexto social, etc.

5 Este tema é abordado, com as devidas adaptações, de NICCOLE, P., “Sentido de la vida”, en: BORILE, E., CABBIA, L., Y MAGNO, V. (DIR.), *Diccionario de Pastoral Vocacional*, Salamanca 2005.

6 Tudo isso significa que, usando a razão, o que fazemos é julgar a realidade (fatos) percebendo-os primeiro e fazendo uma avaliação que supõe a síntese de uma experiência de encontro com essa realidade. Algo que os animais não podem fazer.

7 A linguagem só é possível entre os seres humanos, é uma característica da humanidade e não do mundo animal. A linguagem é uma expressão do uso de nossa razão.

8 Nossa dimensão espiritual nos diz que não somos apenas corpo, somos isso e muito mais. O homem foi feito para a transcendência.



O ser humano, portanto, está historicamente situado, nas várias etapas da vida, que vão do nascimento à morte. E a questão do sentido da vida é consequência de se tomar consciência de si e levar-se a sério nesse curso. Esta situação o obriga a responsabilizar-se por si mesmo, entre outras coisas, dar conta do tipo de projeto de vida que quer construir, a direção e o sentido que quer dar, os valores que assume, a forma como está envolvido na vida e nas decisões que toma e, sobretudo, na sua relação com Deus.

## 2. Vida e Ideias

Escreve o filósofo e pensador alemão Max Scheler, “em certo sentido, todos os problemas fundamentais do pensamento e da busca pela verdade podem ser resolvidos respondendo à pergunta sobre o que o homem é e que lugar e posição ele ocupa no mundo vida, no mundo e diante de Deus”.

Ao longo da história da humanidade, os seres humanos têm tentado responder a muitas perguntas e, em particular, à pergunta sobre o sentido da vida. Os grandes pensadores de cada época o fizeram com especial interesse. E nessa mesma direção, a religião também tem feito um grande esforço, embora sob outra perspectiva, para dar sentido à vida.

No entanto, embora muitos outros tenham tentado várias respostas sobre o significado da vida humana, ninguém está isento de esforços pessoais para tirar suas próprias conclusões sobre ela. Na verdade, o próprio estilo de vida, a atitude pessoal em relação às coisas e a forma característica como a liberdade é exercida estão profundamente condicionados, consciente ou inconscientemente, pelo tipo de resposta que damos a esta pergunta.

O homem inevitavelmente se pergunta de onde vem e para onde está indo<sup>9</sup>, que finalidade ou propósito o induz a agir de uma certa maneira e não de outra, etc. E o faz, é claro, de si mesmo, mas nunca desconectado dos outros, de seus semelhantes. Portanto, a resposta ao sentido da vida é elaborada a partir da mesma interação com o mundo que a rodeia. E, principalmente, a resposta ao sentido da vida é alcançada aos poucos a partir da decisão pessoal que cada um faz diante da transcendência, isto é, diante de Deus. Se a abertura à *transcendência*<sup>10</sup>, for positiva, o ser humano se entenderá como uma “criatura” singular, sustentada e acompanhada na vida.

Enfim, nada como esta pergunta - qual o sentido da minha vida? - desencadeia as mais diversas experiências que, aos poucos, serão o conjunto de experiências que ajudarão a elaborar a própria resposta a esta pergunta e a expressá-la em um estilo de vida prático, nas opções éticas e na experiência religiosa.

## 3. Vida e valores

O ser humano é espírito e corpo, entendimento e sentimento, liberdade, criatividade e projeto; um ser em constante relação consigo mesmo, com os outros, com o mundo e com Deus... Portanto, o mais normal é que quanto mais ele está ciente de si mesmo, mais fácil surge à pergunta sobre o sentido da vida.

<sup>9</sup> As questões da filosofia são aquelas que todo homem pode se perguntar: de onde eu vim? Aonde vou? Quem sou? As mesmas podem se considerar como uma comunidade humana: de onde viemos? Aonde vamos? Quem somos?

<sup>10</sup> A palavra “transcendência” se refere ao que está acima do que podemos experimentar por meio de nossos sentidos, mas que não deixa de ser real. Deus é transcendente, isto é, Deus não é produto da cultura nem se identifica com a natureza, está acima de tudo dela.



O compromisso que assume, as opções que faz, os esforços que investe e que o coloca em movimento na vida, têm muito a ver com aquilo que o ser humano o parece interessante e valioso para si e para os demais, sobre tudo para as pessoas que ama. É verdade que às vezes os interesses pessoais podem colidir com outras instâncias, como a sociedade. No entanto, a razão “saudável” nos diz o que é bom privilegiar e o que deve ser evitado.

Discernir e pesar corretamente o que fazemos e as intenções pelas quais agimos, convidamos a estar atentos e a ser prudentes. No contexto de nossa cultura moderna, estamos muito expostos a ideologias políticas, econômicas, até religiosas, e à invasão autoritária da mídia, principalmente por meio da publicidade, na esfera da vida privada.

Nesse sentido, uma autêntica cultura de valores deve oferecer uma hierarquia de opções e compromissos que promovam um humanismo integral. Assim, desta forma, somos chamados a estar atentos para compreender os sinais dos tempos, para ajudar e servir ao estabelecimento da civilização do amor.

A tensão que existe em nosso mundo moderno entre valores e contra valores (vida-morte, bem-mal, felicidade-infelicidade, etc.) é de singular importância como critério para discernir a vida autêntica e o amor. E é na medida em que educa pedagogicamente para a liberdade autêntica. Treina assim a inteligência, a vontade e a sensibilidade para enfrentar de forma fecunda as tensões que surgem, fazendo o que realmente vale a pena e coibindo as insinuações desordenadas do egoísmo humano.

No diálogo interpessoal e intercultural, revela-se um aspecto importante do sentido da vida humana, a saber, o reconhecimento de que na vida pessoal coexistem fato e valor, particularidade e universalidade, corporeidade e espiritualidade, autonomia e dependência, vida e morte, grandeza e miséria... O que nos leva a perceber e afirmar que, acima do fugaz e do transitório, está o horizonte do imutável<sup>11</sup>, e que ele constitui uma referência fundamental para o sentido da vida humana.

#### 4. Filosofia e religião

A reflexão filosófica e a experiência religiosa são, portanto, duas vias privilegiadas para alcançar e esclarecer o sentido da existência; e ambos são orientados para a verdade. Estas duas formas de “saber e conhecer” requer a colaboração ativa do ser humano, que se confronta com o mistério de Deus e com a necessidade de se sentir “seguro” ou “salvo”.

No centro de sua autobiografia, ou seja, o livro das Confissões, Santo Agostinho reconhece diante de Deus que se tornou uma “grande questão” para si mesmo. Questão como problema ou questão como mistério? No sentido do mistério da vida. A pessoa humana, como sujeito espiritual, não pode ser dissecado e tornar-se exaustiva na análise de todas as dimensões do seu ser; a pessoa é livre, pela graça de Deus, para se tornar o que ela ainda suspeita. Por isso, a pessoa humana, como mistério, resiste às várias tentativas da ciência moderna de reduzi-la a um dado empírico de controle e verificação experimental.

A pessoa viva, imago Dei (imagem de Deus), é um símbolo divino especial no mundo, na medida em que está em diálogo direto com o Criador e é portadora de sementes de vida, sede de felicidade, autenticidade e eternidade. Santo Agostinho diz:

«Tu nos fizeste, Senhor, para ti, e o nosso coração está inquieto até que repouse em ti» (cf. Confissões I, 1).

<sup>11</sup> Esta palavra significa “não sujeita a alterações”, ou seja, não é mutável.



A filosofia pode abordar o mistério do ser humano e propor respostas possíveis para o sentido da vida. A religião, por sua vez, contribui à luz do que Deus nos comunicou, a provocação que nos desafia a desenhar uma resposta ao sentido da vida humana a partir do amor, da fé e da esperança. A fé religiosa não mortifica nem luta contra a razão, mas antes a guia e a leva a reconhecer seus limites. Portanto, a resposta que leva ao sentido da vida, um e outro, podem ser complementares e recíprocos.

A fé cristã não elimina a dialética histórica entre o bem e o mal, entre a verdade e a mentira, entre a virtude e o vício... O que a fé cristã faz é nos permitir enfrentar o positivo e o negativo, e proporcionar o ser orientações humanas para o compromisso testemunhal e missionário, para implantar os paradoxos do Evangelho na vida redimida dos seguidores de Jesus Cristo.

O homem batizado e crente, «que passou da morte para a vida» graças à obra redentora do Salvador, é chamado a viver no mundo como portador e testemunha dos valores contidos no sermão das Bem-aventuranças. Esses valores são, entre outras coisas, uma expressão do fracasso das idolatrias mundanas e a proclamação do sentido das limitações da existência humana redimida, aguardando a gloriosa manifestação do Senhor no final da história.

### 5. As experiências juvenis de hoje e o papel da comunidade

No documento *Christus vivit*, o Papa Francisco indicou algumas das experiências pelas quais passam muitos jovens hoje: experiências de desenraizamento, vazio de sentido, órfãos, etc. Por outro lado, sugeriu o tipo de serviço que as comunidades paroquiais ou educativas poderiam oferecer nestas situações. O que devemos fazer como agentes da pastoral vocacional?

Como Igreja, não podemos ignorar a realidade nem ignorar uma parte importante da comunidade, como a juventude. O que podemos fazer pelos jovens que passam por experiências de vazio de sentido?

Vamos ler juntos o texto do Papa Francisco em busca de uma resposta:

“Em todas as nossas instituições precisamos desenvolver e aumentar muito mais nossa capacidade de acolhimento cordial, porque muitos dos jovens que chegam o fazem em situação de órfão profunda. E não me refiro a certos conflitos familiares, mas a uma experiência que afeta crianças, jovens e adultos, mães, pais e filhos. Para tantos órfãos e órfãos, nossos contemporâneos, talvez nós mesmos... Comunidades como a paróquia e a escola devem oferecer caminhos de amor e promoção gratuitos, de afirmação e crescimento.

Muitos jovens hoje se sentem filhos do fracasso, porque os sonhos de seus pais e avós foram queimados na fogueira da injustiça, da violência social, do salve-se quem puder. Quantas decepções! Se os jovens cresceram em um mundo de cinzas, não é fácil para eles sustentar o fogo de grandes ilusões e projetos. Se eles cresceram em um deserto sem significado, como poderiam se sacrificar para semear? A experiência de descontinuidade, de desenraizamento e de queda das certezas básicas, fomentada na cultura mediática de hoje, provoca aquele sentimento de profunda orfandade a que devemos responder criando espaços fraternos e atraentes onde as pessoas vivam com sentido” (*Christus vivit* 216).

Obviamente, somos desafiados como agentes da pastoral vocacional, somos convidados a ampliar os horizontes de nossa ação para facilitar a questão do sentido da vida. Precisamos de certa dose de criatividade e coragem para que nossa pastoral vocacional dê frutos.

E à audácia devemos agregar profundidade, escuta, sabedoria, graça... Para isso o discernimento espiritual, que a pessoa realiza com tudo o que é - corpo e alma -, é um recurso valioso, pois permite descobrir um projeto único e irrepetível:

“É verdade que o discernimento espiritual não exclui as contribuições da sabedoria humana, existencial, psicológica, sociológica ou moral. Mas isso os transcende. Nem se quer lhe basta as sabias normas da igreja. Recordemos sempre que o discernimento é uma graça. Embora inclua razão e prudência, ela os ultrapassa, porque se trata de vislumbrar o mistério do projeto único e irrepetível que Deus tem para cada um e que se realiza no meio dos mais diversos contextos e limites. Não está em jogo apenas o bem-estar temporário, nem a satisfação de fazer algo útil, nem mesmo o desejo de uma consciência limpa. O sentido da minha vida está em jogo diante do Pai que me conhece e me ama, o verdadeiro propósito da minha existência que ninguém conhece melhor do que ele” (*Gaudete et exsultate*, 170).

### Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



- 1- Você acha que a falta de sentido na vida é uma consequência de muitos jovens não terem um projeto vocacional de vida claro? Por quê?
- 2- De que forma pode-se acompanhar os jovens que vivenciaram experiências de vazio de sentido na vida e, por consequência, tentativas de suicídio?
- 3- À luz do tema desenvolvido, que estratégias consideram necessárias no trabalho com os jovens, para que tenham um sentido de vida claro que os estimule a projetar-se com uma visão de futuro?

## O ESPÍRITO E A ESPIRITUALIDADE VOCACIONAL

### Objetivo

Propor os elementos fundamentais de uma espiritualidade que nutre a própria vocação e permite mostrar as qualidades e os dons de Deus para a animação vocacional.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. O Espírito Santo e a animação vocacional

Já falamos de Deus Pai que ama e chama à vida, do Filho que chama e é a razão e o modelo de toda vocação. Agora, não podemos deixar de refletir sobre o Espírito Santo e sua forma de auxiliar a resposta vocacional.

O Espírito Santo assiste a Igreja ao longo de sua vida e missão. Este é um fato indiscutível da fé da Igreja. Pois bem, os agentes da pastoral vocacional e cada fiel estão cientes de que devem deixar-se conduzir pelo Espírito para ser um reflexo, embora aproximado e nunca perfeito, de Jesus, o Senhor.

Por isso, a espiritualidade do agente de pastoral vocacional não é uma questão de segunda ordem que pode ser negligenciada. Os animadores vocacionais devem ser “evangelizadores que se abram sem medo à ação do Espírito Santo” (*Evangelii Gaudium*, n. 259), “evangelizadores que oram e trabalham” (ibid., N. 262). Se a vocação é um dom do Espírito Santo, o ministério de animação vocacional deve, por sua vez, ser um ministério “espiritual”, porque provém do Espírito Santo, é instrumento ou mediação do Espírito e está ao serviço do Espírito, Doador de toda vocação.

Nesse sentido, podemos dizer que há dois princípios importantes que fazem da animação vocacional um ministério convicto<sup>12</sup>: se não é pessoa de Deus, dificilmente poderá falar dele e, além disso, seu ministério deve estar sempre orientado para a vida e a santidade da Igreja.

- Todo animador vocacional deve ser discípulo missionário. Animador vocacional é aquele que vive uma relação estável com Jesus, por isso continua a trabalhar como seu Mestre para as coisas do Pai. Por isso, unido a Jesus, busca o que busca, ama o que ama e fala d’Aquele que conhece;
- Um animador vocacional é aquele que ama apaixonadamente a Igreja. A animação vocacional é paixão por Jesus, como dissemos, mas ao mesmo tempo paixão “pelo bem do seu corpo, que é a Igreja” (Col 1,24). Assim, não há animação vocacional autêntica sem empatia com a Igreja, com seus sofrimentos, com seus desconcertos, com seus medos e suas carências... Mas também e, sobretudo, com suas alegrias e esperanças, que são muitas porque vivem uma promessa. É uma paixão na chave da fidelidade. A fidelidade só pode ser criativa porque nos coloca no horizonte do amor e do serviço à Igreja e nos dispõe a apoiá-la nas suas carências, a ajudá-la nas suas necessidades, a fazê-la crescer na santidade, a permanecer unidos e em missão, ir às periferias, alargar os seus horizontes e, também, ajudá-la a crescer com novas vocações.

---

12 Muito do que se segue foi retirado de MARTOS, J. C., *Salir y sembrar. Dos tareas vocacionales prioritarias y urgentes*, Madrid 2017, 44-80.



## 2. Espiritualidade vocacional

Antes de refletir sobre a espiritualidade da animação vocacional, há uma advertência. A palavra espiritualidade hoje evoca ideias muito variadas e diferentes que respondem, por sua vez, a diversos modelos e modos antropológicos de conceber a relação do ser humano com a Transcendência. Em um sentido genérico, a palavra espiritualidade designa aquela relação dirigida a alguém ou algo que está localizado além do visível, do tangível e do material. Aqui entendemos por espiritualidade, num sentido mais preciso, como o modo de vida do discípulo de Jesus que se deixa guiar pelo seu Espírito. Por outro lado, recordemos que para Santo Agostinho o Espírito Santo, que é Dom e Amor, tem um papel importante na nossa vida de fé, de fato, Ele nos acende e nos eleva no amor de Deus:

**“As coisas que não estão em seu lugar se agitam; mas quando o encontram, repousam. Meu peso é meu amor; para onde quer que eu vá, é ele quem me leva. Teu dom [O Espírito Santo] nos inflama e nos eleva; ardemos e caminhamos; subimos as ascensões dispostas em nosso coração” (Confissões, XIII, 9).**

Além disso, são seus movimentos internos (admoestações) que nos ajudam a encontrar como fortalecer nossa comunhão espiritual com Deus (cf. beata u. 35). Sintonizar-se com o Espírito Santo é viver em harmonia com Jesus e o Pai.

Agora, o animador vocacional tem uma forma própria de viver a espiritualidade, que é a forma de “viver no Espírito”, a forma concreta de sentir e viver a fé, a comunhão e a missão. Em outras palavras, a espiritualidade expressa à maneira de assumir a própria existência de Deus, à maneira de Jesus, sendo conduzido e animado pelo seu Espírito nesta Igreja. Isso significa descobrir uma nova relação existencial consigo mesmo, com Deus, com os outros e com o mundo em que vive.

Listamos abaixo os traços espirituais que parecem mais adequados para a animação vocacional:

### *1- Sim à confiança, não ao otimismo*

Os tempos de hoje não são tempos de otimismo. Mas eles devem ter esperança. Eles nos oferecem uma ocasião para colocar nossa confiança não na eficácia de nossos esforços e recursos, mas no próprio Deus.

A confiança é uma atitude básica de vida profundamente enraizada no ser humano. Especialistas afirmam que, para que a economia de um país funcione, é necessário que haja um clima de confiança em seu sistema jurídico, na legislação trabalhista, no funcionamento dos mercados etc. Em nossos ambientes pastorais, no entanto, estamos testemunhando um enfraquecimento global da confiança espontânea. Às vezes, isso também é visto na pastoral vocacional.

Mas a animação vocacional deve ser baseada no princípio bíblico de confiança. Baseia-se na certeza de que Deus não abandonará o seu povo e que tudo o que acontece, por mais negativo e sombrio que pareça, acabará por servir ao bem. Deste modo:

- *Confiamos que Deus continua chamando. Ele toma a iniciativa e sua palavra nos faz viver, morrer e ressuscitar, existir e amar, rir, chorar e esperar. Estamos inseridos em um projeto de amor e de vida do quais todos somos convidados a participar;*



- *Confiemos no coração generoso dos jovens. Por serem criaturas de Deus, existe em cada ser humano uma tensão interna que nos preocupa e mobiliza a todos, de forma refletida ou latente, para ele. Os jovens também são cativados por essa atração misteriosa;*
- *Confiemos que, apesar de nossa inércia e contradições, temos algo muito grande a oferecer. O dom de Deus excede nosso povo e nossas instituições. Não pregamos a nós mesmos, mas o Senhor que se encarnou e permanece em sua comunidade.*

### *2- Sim à responsabilidade, não à vitimização*

Quando um animador vocacional experimenta repetidamente a futilidade de seus esforços, muitas vezes começa a se sentir como uma “vítima”. Um animador-vítima tende a acreditar que suas frustrações são sempre fabricadas “do lado de fora”. Desse modo, atribui seus reveses apostólicos à mediocridade prevalecente, ao mau funcionamento de nossos projetos, a terceiros que se interpõem... É incrível a capacidade que pode ser despertada para culpar os outros pelos fracassos e reveses que o pastoral vocacional.

O papel de vítima, entretanto, nunca proporciona ao animador a paz que ele busca. O vitimismo é uma poção que só produz aspereza e amargura internas. Como reagir à condição de vítima? A única resposta válida é responsabilidade. Você tem que virar aquele dedo que aponta para os outros até que aponte para si mesmo, porque a verdade é que tudo depende em grande parte de cada um. Isso exige maturidade do líder vocacional frustrado para assumir suas próprias responsabilidades.

A honestidade de coração é a disposição ideal para a pastoral vocacional. É sempre mais inteligente enfrentar as dificuldades diretamente do que se esconder ou fugir delas, projetando-as nos outros. Deus não criou autômatos e robôs, mas seres livres para assumir suas próprias responsabilidades em meio a tal dureza apostólica. Mas essa responsabilidade não surge automaticamente: é o resultado da experiência de confiança de que falamos antes.

### *3- Sim à esperança, não à saudade*

Em muitas ocasiões, em nossas comunidades cristãs e religiosas, a saudade do passado é palpável. Não podemos negar... Sentimos falta dos gloriosos anos de abundância vocacional com seminários cheios e com o ambiente do cristianismo favorável a igreja. Mas que sabemos a saudade produz tristeza e esta gera passividade.

A alternativa para a saudade paralisante é a esperança confiante. Para Santo Tomás de Aquino, a esperança constitui a possibilidade de gozar a própria vida. Na verdade, sua tarefa é fortalecer o desejo, especialmente diante das dificuldades; um desejo tão denso que traz um tom de prazer à vida, uma luz na adversidade e um impulso vigoroso para o compromisso. Em relação à animação vocacional, o que podemos esperar? Em que podemos confiar?

Há uma esperança humana ligada ao nosso instinto de vida, que sempre nos impele a lutar, a buscar soluções, a não declinar. Sem ela, a vida humana seria impossível, porque “o homem não pode viver sem esperança: a sua vida, condenada à insignificância, tornar-se-ia insuportável” (Evangeli Gaudium 275). É o que empurra os seres humanos em situações terminais a fazer um último esforço para sobreviver.

Mas, como crentes, falamos de outra esperança mais essencial. Esta esperança teológica é um dom de Deus que nos permite confiar nEle apesar de todos os contratemplos que possam surgir. Esta esperança funda-se em Deus e em Jesus: “Cristo é a nossa esperança” (1Tm 1,1).

A esperança deve arrancar aqueles que promovem as vocações daquele olhar nostálgico e melancólico sobre o passado e guiá-los a construir com realismo o futuro possível e a preparar o definitivo.

#### *4- Sim para felicidade, não para sucesso*

A felicidade costuma ser confundida com sucesso. Se virmos o fim de Jesus, podemos ver facilmente que ele não teve muito sucesso entre os seus: ele morreu crucificado na cruz! No entanto, podemos imaginar que ele estava feliz por ter se entregado totalmente ao amor do Pai. Por isso, sua ressurreição é, entre outras coisas, uma expressão de sua felicidade e a nossa.

Tendo em conta esta diferença entre a felicidade e o sucesso, retenhamos uma sábia lição da vida e da ação pastoral: é preciso semear muito para colher pouco. Mas você tem que semear. Devemos pedir a graça e a alegria da fidelidade em um tempo de pouca fecundidade. Devemos nos apropriar das palavras de Simão Pedro: "Trabalhamos a noite toda sem pegar nada; mas, já que o dizes, lançarei as redes" (Lc 5,5). E não temos dúvidas de que continuaremos a contar com apóstolos que, em seu nome, continuarão a trabalhar no local, conscientes de que lhes é pedido, antes de tudo, fidelidade, não resultados.

#### *5- Sim à paciência, não à pressa*

Um dos males que aflige nossos dias, e não apenas na pastoral vocacional, é a deificação do imediatismo e rapidez na obtenção de resultados. No entanto, a pastoral vocacional não é uma ciência exata nem funciona automaticamente. A aplicação correta do que está previsto e programado não dá de imediato os resultados numéricos desejados.

Não há espaço para "eficiência" ou aceleração. As estatísticas não devem, portanto, definir definitivamente a validade ou invalidade da animação vocacional. Nem deve ser motivo para sobrecarregar os responsáveis mais diretos com demandas inatingíveis. Sob qualquer conceito.

Além disso, os processos de discernimento e decisão vocacional são lentos e trabalhosos. Os medos internos e contratempos da vida exasperam os que têm um ritmo acelerado. A pressa interrompe prematuramente os processos, ao invés de amadurecê-los. A paciência pastoral, filha da esperança, é a virtude mais necessária nesta área.

Aposte na priorização de processos antes de buscar resultados imediatos, muitas vezes fugazes e frustrantes. Ele não confia nos automatismos porque reconhece que é impossível saber exatamente o que move o coração de uma pessoa. Não perde a sensação de lentidão e calma porque estamos na época da semente e não da pesca. E semear requer tempo: não parar de semear em todos os campos; deixar a semente cair no chão e morrer; para regar; para acompanhar cuidadosamente os brotos quando eles aparecerem.

#### *6- Sim à valorização do pequeno, não à ambição do grande*

A apreciação pelos pequenos não é um "prêmio de consolação" para quando não podemos alcançar "o grande". O pequeno e os pequenos têm nobreza evangélica. E o pequeno está sempre ao nosso alcance. Quais são as pequenas coisas que podemos fazer e que estão ao nosso alcance? Vamos listar alguns:



- Em primeiro lugar, viver bem a própria vocação, falar com alegria sobre ela, manifestar publicamente a satisfação de servir o Povo de Deus com o próprio estilo de vida;
- Tornar-nos mais visíveis, reconhecendo que a visibilidade saudável - não o exibicionismo - recupera positivamente o apreço por este nosso modo de nos realizarmos como pessoas;
- Decidir tratar forma frequente do tema vocacional em nossos temas de conversas e em nossas atividades ordinárias;
- Cuidar das famílias e dos educadores, pela importância que têm para as vocações. Envolve-os, ofereça-lhes causas de treinamento e responsabilizá-los;
- Assegure-se de que haja uma catequese vocacional em todos os níveis e instâncias pastorais de nossas plataformas;
- Formar e cuidar das pequenas equipes de animadores vocacionais que cuidam da pastoral vocacional em nossos centros. Sem esquecer que a primeira emergência, hoje, é a família;
- Promover um forte movimento de oração na comunidade cristã; sem esquecer os idosos e os enfermos, que colaboram eficazmente na oferta das suas dores e sofrimentos a favor das vocações;
- Celebre os dias vocacionais com dignidade (por exemplo, o Dia Mundial de Oração pelas Vocções).

#### 7- Sim à opção pelos pobres, não à indiferença

«O Kerigma tem um conteúdo inevitavelmente social» (*Evangelii Gaudium* 177) porque «existe um vínculo inseparável entre a nossa fé e os pobres» (ibid., N. 48). Estas palavras escondem um aviso para todos: “Fazer surdos ao clamor dos pobres, sendo instrumento de Deus para escutar os pobres, nos coloca fora da vontade do Pai” (ibid., N. 197). A pastoral vocacional não pode ser retirada da realidade dos pobres e necessitados.

Como orientar a pastoral vocacional para se sintonizar com a preocupação com os pobres?

- A pastoral vocacional se destaca por uma dupla atração: *pelo Cristo pobre e humilde e, também, pelos pobres*. A proposta vocacional deve ser muito clara: Jesus sempre chama desde a perspectiva dos pobres. Um dos indicadores mais seguros de uma abordagem vocacional correta é, se consegue despertar também no chamado a sua sensibilidade para com os pobres (cf. Ga 2,10), evitando qualquer ideologia e qualquer tentativa de utilizá-los. Purificada de outros interesses, a pastoral vocacional deve buscar antes de tudo o Reino de Deus e sua justiça, e o resto será concedido;
- É conveniente estabelecer como *critério obrigatório de discernimento* das novas vocações a sensibilidade, a proximidade e o serviço aos mais necessitados e aos pobres. É um verdadeiro sinal vocacional que deve ser verificado.
- Não devemos esquecer *que nosso estilo de vida* emite um sinal permanente que é captado por nossos interlocutores. Todos os estímulos deixam sedimentos neles. A austeridade, a profundidade religiosa, a solidariedade, a humildade, a atitude de serviço dos animadores e dos grupos que representam são reivindicações vocacionais

de indiscutível valor provocador quando bem orientados. Seus opostos, infelizmente, além de destrutivos, também são muito contagiosos;

- O pobre - não vamos esquecer - é o alto falante mais eloquente do chamado do Senhor. Quando se estabelece o costume de tornar os pobres presentes no desdobramento da pastoral vocacional, eles se tornam mediação privilegiada do chamado do Senhor, porque alargam o horizonte da vida e despertam a compaixão, aquela aguda sensibilidade capaz de provocar as respostas mais generosas e comprometido.

#### *8- Sim ao encontro com os jovens, não os descartar*

A pastoral vocacional não deve ser insensível aos jovens ou às suas circunstâncias. Há dois desafios aos quais ele deve responder pronta e claramente: diminuir a distância entre as comunidades cristãs com relação a muitos jovens e superar as dificuldades que o impedem de se comunicar com eles (cf. *Evangelii Gaudium* 105).

Podemos reverter à situação com três passos que explicitam uma atitude pastoral de abordagem e empatia missionária:

- Saia para encontrá-lo. É essencial fazê-lo com prioridade absoluta e com uma disposição permanente para levar o amor de Jesus e sua mensagem, o que pode ser feito em qualquer lugar;
- Tenha empatia com eles. Para tanto, é necessário aproximar-se deles, «com o olhar do Bom Pastor, que não procura julgar, mas amar» (*Evangelii Gaudium* 125);
- Acompanhe-os em suas decisões. A nossa pastoral será insuficiente se não os ajudarmos a “ser capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis” (*Evangelii Gaudium* 171).

Encerramos nossa seção, recordando algumas palavras do Documento Final do Sínodo dos Bispos, XV Assembléia Geral Ordinária, *Os Jovens, a fé e o discernimento vocacional*, n. 62:

“A primeira condição do discernimento vocacional no Espírito é uma autêntica experiência de fé em Cristo morto e ressuscitado, lembrando que esta luz « não dissipa todas as nossas trevas, mas, como uma lâmpada, guia os nossos passos na noite, e isso basta para caminhar » (FRANCISCO, *Lumen fidei*, 57). Nas comunidades cristãs, por vezes, corremos o risco de propor, para além das nossas intenções, um teísmo ético e terapêutico, que responda à necessidade de segurança e conforto do ser humano, em vez de um encontro vivo com Deus à luz do Evangelho e com a força do Espírito. Se é verdade que a vida só renasce através da vida, é claro que os jovens precisam encontrar comunidades cristãs verdadeiramente enraizadas na amizade com Cristo, que nos conduz ao Pai na comunhão do Espírito Santo”.

### **Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo**



- 1- Como acompanhar o “despertar vocacional” no crescimento da fé dos jovens do nosso tempo?



- 2- De que forma se pode combinar a espiritualidade da vocação com o discernimento vocacional, típico de quem inicia um caminho de seguimento de Cristo?
- 3- Na hora de traçar um plano de animação vocacional, de acordo com o que foi trabalhado nesta seção, quais são os elementos que considera essenciais para facilitar um trabalho vocacional estruturado?

## A IGREJA, MÃE DAS VOCAÇÕES

### Objetivo

Reconheçam que não existe uma autêntica animação vocacional que não tenha a Igreja como ponto de referência, especialmente como mãe das vocações: ela é por excelência mistério de vocação e missão.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. A dimensão vocacional da vida cristã

O Papa Bento XVI, em sua mensagem ao II Congresso Continental Latino-Americano de Vocações, recordou a mesma ideia: “A Igreja, no fundo de seu ser, tem uma dimensão vocacional, já implícita em seu sentido etimológico: « assembleia convocada » por Deus. A vida cristã também participa desta mesma dimensão vocacional que caracteriza a Igreja. Na alma de cada cristão ressoa sempre de novo aquele « seguimento » de Jesus aos apóstolos, que mudou para sempre a sua vida (cf. Mt 4, 19)”<sup>13</sup>.

#### 2. A dimensão eclesial de cada vocação

Na 53ª Jornada Mundial de Oração pelas Vocações, o Papa Francisco afirmou que “a Igreja é a casa da misericórdia e a terra “onde a vocação germina, cresce e dá fruto (...). A ação misericordiosa do Senhor perdoa os nossos pecados e nos abre a uma nova vida que se concretiza no apelo ao seguimento e à missão. Cada vocação na Igreja tem sua origem no olhar compassivo de Jesus. Conversão e vocação são como as duas faces da mesma moeda e se implicam mutuamente ao longo da vida do discípulo missionário”<sup>14</sup>.

Para um católico não há vocação fora da comunidade. O cristão não se realiza plenamente senão em relação aos outros, principalmente em relação aos irmãos na fé. Além disso, o discernimento vocacional apresenta um elemento insubstituível, para além das formas, que é a mediação da comunidade.

O Papa Francisco também recordou: “O chamado de Deus se faz através da mediação comunitária. Deus nos chama a pertencer à Igreja e, depois de amadurecer no seu seio, concede-nos uma vocação específica. O caminho vocacional se faz ao lado de outros irmãos e irmãs que o Senhor nos dá: é uma co-vocação. O dinamismo eclesial da vocação é um antídoto para o veneno da indiferença e do individualismo. Estabelece aquela comunhão em que a indiferença foi superada pelo amor, porque exige que nos abandonemos, pondo a nossa vida a serviço do desígnio de Deus e assumindo a situação histórica do seu povo santo”.

#### 3. A vocação nasce, cresce e é sustentada pela Igreja

Destas últimas afirmações, o Papa Francisco derivou três aspectos da vocação cristã:

1. A vocação nasce na Igreja. Desde o nascimento de uma vocação é necessário um “sentido” adequado da Igreja. Ninguém é chamado exclusivamente para uma região,

13 II CONGRESSO CONTINENTAL LATINO AMERICANO DE VOCAÇÕES (2001), Mensagem do Santo Padre.

14 PAPA FRANCISCO, *Mensagem da LIII Jornada Mundial da Oração pelas Vocações* (29 de novembro de 2015).



nem para um grupo ou movimento eclesial, mas ao serviço da Igreja e do mundo. Um sinal claro da autenticidade de um carisma é a sua eclesialidade, a sua capacidade de se integrar harmoniosamente na vida do santo povo fiel de Deus para o bem de todos. Respondendo ao chamado de Deus, o jovem vê o horizonte eclesial se alargar, pode considerar os diversos carismas e vocações e assim alcançar um discernimento mais objetivo. A comunidade torna-se assim o lar e a família em que nasce a vocação. O candidato reconhece com gratidão esta mediação comunitária como um elemento essencial para o seu futuro. Aprenda a conhecer e amar outros irmãos e irmãs que percorrem caminhos diferentes; e esses laços fortalecem a comunhão em todos.

2. A vocação cresce na Igreja. Durante o processo formativo, os candidatos às diversas vocações precisam conhecer melhor a comunidade eclesial, superando as percepções limitadas que todos temos no início. Para isso, é oportuno realizar experiências apostólicas junto com outros membros da comunidade, por exemplo: comunicar a mensagem evangélica com um bom catequista; vivenciar a evangelização das periferias com uma comunidade religiosa; descobrir e valorizar o tesouro da contemplação, compartilhando a vida de clausura; conhecer melhor a missão ad gentes por meio do contato com os missionários; aprofundar a experiência pastoral na paróquia e na diocese com os sacerdotes diocesanos. Para os formandos, a comunidade cristã continua sempre a ser o ambiente educativo fundamental, ao qual experimentam a gratidão.
3. A vocação é sustentada pela Igreja. Depois do empenho definitivo, o caminho vocacional na Igreja não termina, continua na disponibilidade ao serviço, na perseverança e na formação permanente. Aqueles que consagraram suas vidas ao Senhor estão dispostos a servir a Igreja onde ela precisa deles. A missão de Paulo e Barnabé é um exemplo desta disponibilidade eclesial. Enviados pelo Espírito Santo da comunidade de Antioquia em uma missão (Atos 13: 1-4), eles voltaram para a comunidade e compartilharam o que o Senhor havia realizado por meio deles (Atos 14:27). Os missionários são acompanhados e apoiados pela comunidade cristã, que continua a ser uma referência vital para eles, como a pátria visível que dá segurança a quem peregrina para a vida eterna.

Entre os agentes pastorais, os sacerdotes têm uma importância especial. Através do seu ministério torna-se presente a palavra de Jesus, que declarou: Eu sou a porta das ovelhas... Eu sou o bom pastor (Jo 10,71). A pastoral vocacional é parte fundamental do seu ministério pastoral. Os presbíteros acompanham os que procuram a própria vocação e os que já deram a vida ao serviço de Deus e da comunidade numa vocação concreta.

Por outro lado, todos os fiéis são chamados a tomar consciência do dinamismo eclesial da sua vocação, para que as comunidades de fé se tornem, a exemplo da Virgem Maria, seio materno que acolhe o dom do Espírito Santo (cf. Lc 1, 35-38). A maternidade da Igreja exprime-se na oração perseverante pelas vocações, na sua ação educativa e no acompanhamento que dá a quem percebe o chamado de Deus. Também o faz por meio de uma seleção cuidadosa de candidatos ao ministério ordenado e à vida consagrada. Enfim, ela é a mãe das vocações, apoiando continuamente quem consagrou a vida ao serviço dos outros.

Podemos concluir o nosso tema com um texto de Santo Agostinho cheio de amor e devoção à Mãe Igreja. Foi assim que a Igreja foi carinhosamente reconhecida pelos cristãos norte-africanos nos dias de Agostinho. De fato, o Hiponense, mesmo sabendo das limitações da Igreja no momento desta peregrinação, não deixou de reconhecê-la como mãe e mestra dos cristãos:

“Mãe Igreja Católica! Verdadeira mãe de cristãos; Tu não só ensinas que a adoração mais pura e casta que devemos dar a Deus é a posse de nossa vida mais abençoada, mas com teus ensinamentos sublimes fazes de tal maneira teu o amor e caridade para os outros que em ti encontramos o remédio mais poderoso e eficaz para os diversos males que, por causa dos pecados, afligem nossas almas. Tu inocentemente treinas as crianças; Tu treinas os jovens com força; Tu cuidas gentilmente dos idosos. Vós ordenais a todos segundo as leis do amor mais puro e sincero...” (*Dos costumes da Igreja Católica 1,30,62*)

### Perguntas para reflexão e diálogo em grupo



1. Tens consciência da dimensão eclesial de tua própria vocação?
2. Como tu farias para que a maternidade da Igreja seja mais apreciada em seu meio, ou seja, que toda vocação nasça, cresça e seja sustentada pela Igreja?

## O KERIGMA VOCACIONAL<sup>15</sup>

### Objetivo

Aprofundar o conceito de kerigma vocacional como elemento fundamental da pastoral vocacional. Cada vocação é, em essência, um encontro e um diálogo entre Jesus, o Senhor, que chama e quem o escuta e responde em um determinado tempo e lugar da sua história pessoal e social.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. O que semear? O kerigma vocacional

Cada vocação é, em essência, um encontro e um diálogo entre Jesus Senhor que chama e quem o escuta e responde, nos momentos sucessivos e nos momentos específicos da sua história. Alguns dos chamados são encontrados por acaso, outros já o procuravam (cf. Jn 1,38), mas é sempre o Senhor que chama: “Segue-me” (Mc 1,14; Mt 9,9). Os relatos vocacionais do Novo Testamento, em continuidade com os do Antigo Testamento, mostram a sucessão entre a eleição e o chamado: depois de escolher alguém (com o olhar), o Senhor o chama (com a sua palavra) para estar com ele e colaborar na missão.

A animação vocacional é um autêntico ministério de mediação cujo objetivo é atualizar e prolongar aquele encontro singular e decisivo com Cristo. Ele sabe que as pessoas não sabem o que procuram, mas sim o que encontram. Por isso, o seu trabalho centra-se sobretudo em ajudar os outros a perceber como o Senhor passa pela sua vida, os escolhe e os chama a deixar tudo para o seguir. Realiza esse serviço por meio de ações específicas e complexas. O mais central é a proposta vocacional. Nada mais é do que uma pergunta pessoal muito direta e pungente, sem ser uma ameaça: “O Senhor está passando e está chamando você.” Isso nada mais é do que o anúncio de boas novas.

Chamamos tal anúncio, com expressão extraída das parábolas do Evangelho, de semente vocacional, porque se faz depositando uma semente - o kerigma vocacional - na boa terra do coração de cada um. Essa semente, embora seja a menor de todas, contém um “despertador” que avisa sobre o sentido vocacional da vida. Este anúncio do kerigma vocacional é expressão do kerigma evangélico, “a prioridade absoluta” (*Evangelii Gaudium*, 110) que “deve ocupar o centro da atividade evangelizadora e de toda tentativa de renovação eclesial” (ibid., 164). A semente vocacional se completa quando inclui a proposta explícita nele contida. O plantio e a proposta constituem uma unidade. Ambos caminham para a conversão da vida e também despertam a vocação.

As Constituições da Ordem dos Agostinianos Recoletos sublinham a importância deste anúncio kerigmático vocacional: “O apelo vocacional deve começar sempre com um anúncio catequético que conduza à experiência de Deus e sublinha a beleza de seguir Cristo com uma proposta explícita: “Vinde e vede” (Jo 1,46), à imitação do Mestre. Assim, cada um poderá apropriar-se das palavras de Santo Agostinho: “Exorto os outros a abraçarem este propósito tanto quanto eu puder, e tenho irmãos no Senhor que, através do meu ministério, decidiram fazê-lo”(ep. 157,4, 39) ” (*Cons.*, N. 156b).

---

<sup>15</sup> Este tema é em grande parte retirado de MARTOS, J. C., Salir y sembrar. *Dos tareas vocacionales prioritarias y urgentes*, Madrid 2017, 36-42.



## 2. O conteúdo do kerigma vocacional

Lembre-se de que tudo isso é feito por contágio e não por doutrinação; através do testemunho e não apenas da informação; pela interpelação e não por ambiguidades expressivas. O anúncio e a aceitação do evangelho da vocação podem ser descritos e compreendidos a partir dos pressupostos da transmissão da fé. Como poderíamos descrever o conteúdo deste anúncio pulsante? Vejamos alguns pontos que podem nos ajudar:

- É o anúncio de uma Presença: não é uma proclamação doutrinal, genérica, sem garra nem mordida. É, antes de tudo, “o anúncio explícito de que Jesus é o Senhor” (*Evangelii Gaudium*, 110). Se esforça para que os outros percebam, de forma crível e convincente, a presença de Alguém que os ama e, por isso, os chama;
- O kerigma tem um núcleo: sua mensagem enfoca “o amor salvífico de Deus antes da obrigação moral e religiosa” (*Evangelii Gaudium*, 165). Leva à descoberta da verdade mais central do Evangelho: só se pode “ganhar a vida entregando-a” (II Congresso Continental Latino-Americano, Documento Conclusivo, n. 76);
- O kerigma é epifânico: ele revela o que há de mais fundamental e essencial na identidade humana. A vida é um “dom recebido que, por natureza, tende a tornar-se um bem dado” (Novas vocações para uma nova Europa, 16). Essa gramática da existência mostra que o amor é o sentido da vida. Você não pode ser feliz sem amar. E, contra todo reducionismo romântico ou emocional, amar, se dar, traz dor e morte ao próprio ego, sem as quais é impossível abrir-se ao outro;
- O kerigma é um primeiro anúncio: chama-se “primeiro”, não porque está no início e depois é esquecido ou substituído por outras mensagens que o excedem. É qualitativamente o primeiro porque é o “anúncio principal que sempre deve ser ouvido de várias maneiras e aquele que sempre deve ser anunciado de uma forma ou de outra” (*Evangelii Gaudium*, 164). Silenciar este anúncio equivale a impedir que o dinamismo da vocação siga adiante;
- O kerigma é válido para todos: é um anúncio dirigido a todos, especialmente aos jovens. É apropriado também para quem está longe da fé ou perdeu o sentido da vida, porque “responde ao anseio de infinito que está em cada coração humano” (*Evangelii Gaudium*, 165);
- O kerigma é sempre uma boa notícia: é uma notícia cheia de vida e significado. Quando anunciado de maneira adequada, traz um bem importante aos interlocutores, seja acolhido ou não;
- O kerigma introduz-nos a um caminho mistagógico: este anúncio oferece uma pedagogia que conduz as pessoas, passo a passo, à plena assimilação do mistério de Deus;
- Kerigma é uma mensagem convincente: conecta-se facilmente com diferentes formas de pensar e sentir. Comunica, de forma plena e sem retórica, através de “uma ideia, um sentimento e uma imagem” (*Evangelii Gaudium* n. 157). Tem uma base antropológica comum a todos. Mas ele não renuncia a falar explícita e claramente sobre Jesus Senhor, porque não há nada mais sólido, profundo, seguro, denso e sábio do que aquele anúncio.

## 3. O kerigma vocacional na dinâmica de busca e crescimento

O Papa Francisco, na sua exortação apostólica pós-sinodal *Christus vivit* dirigida aos jovens e a todo o povo de Deus, sugere duas linhas de ação na pastoral juvenil que, sem dúvida, podem ser úteis na pastoral vocacional. Lá, como veremos, ele aponta a importância do kerigma.



As duas principais linhas de ação são busca e crescimento. Quanto ao primeiro, indica que “nesta busca deve ser privilegiada a linguagem da proximidade, a linguagem do amor altruísta, relacional e existencial que toca o coração, ganha vida, desperta esperanças e desejos. É preciso abordar os jovens com a gramática do amor, não com o proselitismo. A linguagem que os jovens entendem é a de quem dá a vida, de quem está ao seu lado e por eles, e de quem, apesar dos seus limites e fragilidades, procura viver a sua fé com coerência. Ao mesmo tempo, devemos buscar com maior sensibilidade como encarnar o kerigma na língua falada pelos jovens de hoje” (*Christus vivit*, 211).

Com relação ao crescimento, faz uma advertência. “Em alguns lugares acontece que, depois de ter provocado nos jovens uma intensa experiência de Deus, um encontro com Jesus que tocou seus corações, eles só oferecem encontros de” formação “onde apenas se abordam questões doutrinárias e morais: sobre os males do mundo atual, sobre a Igreja, sobre Doutrina Social, sobre castidade, sobre casamento, sobre controle de natalidade e sobre outros assuntos. O resultado é que muitos jovens se aborrecem, perdem o fogo do encontro com Cristo e a alegria de segui-lo, muitos abandonam o caminho e outros ficam tristes e negativos. Acalmemos a obsessão de transmitir um acúmulo de conteúdos doutrinários e, antes de tudo, procuremos despertar e enraizar as grandes experiências que sustentam a vida cristã” (ibid., 212).

Em suma, “qualquer projeto formativo, qualquer caminho de crescimento para os jovens, deve certamente incluir uma formação doutrinária e moral. É igualmente importante que seja centrado em dois grandes eixos: um é o aprofundamento do kerigma, a experiência fundante do encontro com Deus através do Cristo morto e ressuscitado. O outro é o crescimento no amor fraterno, na vida comunitária, no serviço” (ibid., 213).

Esses textos são de valor inestimável. Eles apontam dois eixos ou desafios para a pastoral juvenil e para a pastoral vocacional: sempre ouvir e aprofundar o kerigma vocacional e, ao mesmo tempo, conectá-lo à vida comunitária e ao serviço ao próximo. Em suma, é o desenvolvimento da verdade vocacional que se encontra em cada ser humano e que espera vir à tona, ou seja, tornar-se uma realidade luminosa que ajuda os outros.

Por fim, encerremos esta reflexão com um dos muitos exemplos de kerigma vocacional que se encontram no referido documento. Por exemplo, quando o Papa Francisco lembra e anuncia três verdades aos jovens - Deus os ama, Cristo é o seu Salvador, Ele vive - ele diz as seguintes palavras nas quais também ressoam as de Bento XVI:

“Se consegues apreciar com o” coração a beleza deste anúncio e deixar-te encontrar pelo Senhor; se te deixares ser amado e salvo por Ele; Se tu fizeres amizade com Ele e começares a conversar com o Cristo vivo sobre as coisas concretas de tua vida, essa será a grande experiência, será a experiência fundamental que sustentará a tua vida cristã. Essa é também a experiência que tu podes comunicar a outros jovens. Porque «não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com ela, uma orientação decisiva» (*Christus vivit* n. 129).

## Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



- 1- Quem te anunciou o kerigma vocacional? Como te lembras daquele momento?
- 2- Como acreditas que a pastoral vocacional deve anunciar isso? Em que momentos, espaços, formas?

## ACOMPANHAMENTO VOCACIONAL

### Objetivo

Descubra o significado do acompanhamento vocacional e a importância que ele tem na vida dos jovens que sentem o chamado específico e desejam seguir Cristo na vida religiosa e sacerdotal.

### Desenvolvimento do tema

#### 1. Acompanhar: um requisito da pastoral vocacional

O II Congresso Continental Latino-Americano das Vocações destacou as chaves e etapas que uma pedagogia vocacional eficaz deve oferecer: "A pedagogia vocacional facilitará a cultura vocacional na medida em que segue um processo, como o itinerário proposto pelo Documento de Aparecida para o discipulado missionário: encontro com Jesus Cristo, conversão, discipulado, comunhão e missão, que no especificamente vocacional se explicita nestas etapas:

- a. Despertar para a percepção da boa semente da vocação a partir do kerigma sobre Deus Pai que ama e chama Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Também partindo da grande verdade das histórias evangélicas tipicamente vocacionais: ganhe a vida entregando-a.
- b. Discernir os sinais do chamado para escutar suas vozes e distinguir seus caminhos, não profissionais, mas vocacionais.
- c. Cultive o sentido da vida como dom e tarefa, como chamado e missão, como discipulado e anúncio.
- d. Acompanhar na escuta da Voz da Palavra que chama, no encontro com o seu Rosto - Jesus Cristo nos pobres -, na experiência da sua Casa que é comunhão eclesial e comunidade vocacional formativa, e no percurso dos seus Caminhos que são projeção vocacional pela entrega"<sup>16</sup>.

Como podemos ver no final do processo, o acompanhamento é colocado. Por outras palavras, dificilmente haverá um verdadeiro processo vocacional se os jovens não forem acompanhados na sua busca interior em relação ao chamado do Senhor. Depois desta linha fundamental, vejamos como podemos definir o acompanhamento vocacional, especialmente distinguindo-o em primeiro lugar de outras formas de acompanhamento que existem na Igreja.

#### 2. Acompanhamento vocacional: o caminho daquele que crer hoje

A palavra acompanhamento tornou-se nos últimos anos uma palavra-chave na pastoral da Igreja. E não é mais uma palavra que evoca apenas um campo específico da pastoral vocacional; hoje o acompanhamento espiritual ressurgiu como uma necessidade que procura invadir todos os espaços da pastoral eclesial. Porém, mesmo quando a palavra adquiriu um novo valor e um novo auge em nosso vocabulário cotidiano dentro da Igreja, ainda há um longo caminho a percorrer, pois a práxis do acompanhamento ainda é desconhecida para muitos e relegada por muitos outros.

O acompanhamento vocacional consiste na ajuda humana e espiritual que um irmão mais velho na fé e no discipulado de Cristo dá a outro irmão que percorre o caminho da busca,

<sup>16</sup> II Congresso Continental Latino Americano de Vocações, Cartago, Costa Rica, 31 de janeiro – 5 de fevereiro de 2011, n. 76..



reconhecimento e decisão vocacional. É um momento específico de compromisso mútuo entre o acompanhante e o acompanhado, até que se ilumine no companheiro a certeza inevitável de que o Senhor o chama para algo muito concreto. Trata-se de acompanhar o itinerário discipular que leva o crente a amadurecer a forma como Deus o apresenta para viver a plenitude do amor.

Como fazer esse acompanhamento? Voltar sempre a Jesus, porque a sua forma de acompanhamento cria um estilo de acompanhamento que não sai de moda: o próprio Jesus se aproximou e caminhou com eles (Lc 24,15). Também hoje Jesus, o Cristo ressuscitado, quer trabalhar, à sua maneira, junto com cada jovem, acolhendo as suas expectativas, mesmo que desapontadas, e as suas esperanças, mesmo que insuficientes. Por isso, ontem, hoje e para sempre, Jesus, através da sua Igreja, caminha, escuta e entusiasma o coração dos jovens, ao caminhar com eles (cf. *Documento final do Sínodo dos Jovens*, 5).

No Documento final do Sínodo sobre os jovens, foi assinalado que os próprios jovens pediram que se recuperasse a figura do acompanhante. O serviço de acompanhamento é uma missão urgente, que requer toda a disponibilidade e generosidade de quem o realiza. Neste sentido, o acompanhamento exige que o Espírito do Senhor esteja disponível para percorrer o caminho que aqueles que os acompanham. O bom acompanhante põe em jogo as qualidades e as aptidões que reconhece no companheiro e depois tem a coragem de se afastar com humildade e deixar o acompanhamento percorrer o caminho que escolheu (cf. *Documento final do Sínodo dos Jovens*, n. 101)

O mesmo Documento final do Sínodo sobre os jovens apresentou o perfil do acompanhante que os jovens precisam e exigem para este momento da história: *um bom acompanhante é uma pessoa equilibrada, que escuta, oferece fé e oração, que se mede por suas próprias fraquezas e fragilidades. Por isso sabe acolher os jovens que acompanha, sem moralizações e sem falsas indulgências. Quando necessário, pode oferecer também a palavra da correção fraterna (Documento final do Sínodo para os jovens, 102).*

Do mesmo modo, com realismo e beleza, as conclusões do Sínodo assinalam que é necessário que o acompanhante seja uma pessoa livre, que respeite o resultado da viagem de quem o acompanha, apoiando-o na oração e na alegria pelos frutos que o Espírito Santo produz naqueles que abrem o coração, sem tentar impor seus pontos de vista ou preferências. E depois é indicado que, só da liberdade ele pode colocar-se a serviço em vez de tentar ocupar o centro da cena e assumir atitudes possessivas, manipuladoras ou diretivas, que causam dependência e prejudicam a liberdade dos acompanhados (*Documento Final do Sínodo sobre jovens, 102*).

Segundo o Sínodo dos Jovens, para ser um bom acompanhante é necessário cultivar com cuidado algumas dimensões importantes da vida cristã, tais como: cuidar de uma vida espiritual profunda, que nutra a relação com Aquele que atribuiu essa missão, receber treinamento específico para exercer este ministério, ser acompanhados, por sua vez, e usufruir de supervisão. Por último, a capacidade de trabalhar em equipe e de viver a espiritualidade de comunhão é fundamental para o acompanhamento (cf. *Documento final do Sínodo dos Jovens, 103*). Os requisitos para ser companheiro, portanto, são exigentes e nem todos estão em condições de fazer um bom acompanhamento; é importante se preparar para acompanhar.

Além disso, todo acompanhamento, se cristão, é vocacional. Porque acompanhar um irmão na fé é colocar-se a serviço da sua vocação. Acompanhar vocacionalmente é ser, ouvir e rezar com quem diz se sentir chamado pelo Deus de Jesus Cristo a cumprir uma missão. Então, pode ser que o acompanhamento se concentre fundamentalmente na descoberta e no discernimento de uma determinada vocação, ou simplesmente, seja orientado a descobrir o modo de vivê-la plenamente. A pastoral da Igreja tem necessidade deste serviço e a pastoral vocacional é o espaço mais adequado para fazê-lo, especialmente se for considerada transversal a toda a ação pastoral.

### 3. Decálogo agostiniano para o acompanhamento vocacional

- 1) *É feito de coração a coração*, ou seja, de Jesus Cristo, de minha verdade, de minhas próprias limitações e vulnerabilidades; conectando do meu centro vital com o acompanhado.
- 2) *Parte do compromisso que o acompanhante já percorreu anteriormente o caminho que o convida a percorrer*. A orografia é reconhecida porque o acompanhante já esteve nela. Certamente, o acompanhante não percorreu todos os caminhos existentes, nem os modos possíveis de ser vivido, mas atingiu objetivos e, por isso, sabe orientar para eles.
- 3) *O acompanhante sintoniza-se com o momento vital de busca e encontro do acompanhado*. Dos desejos mais profundos de seu coração, o acompanhante passa a representar “sentido de vida para o outro”. Uma atenção especial é dada ao dinamismo espiritual e psicológico da pessoa acompanhada, que a situa num momento específico do seu caminho de fé. Recordemos que Santo Agostinho soube tomar a sabedoria dos antigos (cf. *Terence, Heautontimorumenos*, 1,1,23) e dizer algo que um bom acompanhante nunca deve esquecer:

*«Sou um homem e nada do que é humano me é estranho» (cf. ep. 155,14; resposta a Juliano, 4, 83).*

- 4) *O acompanhante percebe a direção do desejo profundo da pessoa acompanhada*. O acompanhante percorre o caminho do acompanhado desde a incerteza e sublimidade dos próprios desejos que, ora, emocionam, ora frustram. O acompanhante reconhece a presença ou ausência de Deus nesses desejos.
- 5) *O acompanhante ajuda a dar o salto qualitativo (conversão) que o acompanhado busca e necessita*. Nesse sentido, a orientação para o salto qualitativo que se faz sentir que o acompanhado precisa e Deus lhe pede.
- 6) *O acompanhamento se dá na relação de amizade* e mostra um peregrino que caminha com outro peregrino, como o próprio Jesus Cristo.
- 7) *O acompanhante está com a pessoa acompanhada de humildade e alegria*. Este caminho, segundo Santo Agostinho, deve ser marcado pela atitude de humildade:

*“Primeiro, humildade, segundo, humildade, terceiro, humildade; e quantas vezes me perguntares responderei da mesma forma” (ep. 118,22; cf. Confissões X, 43, 68).*

- 8) *O acompanhante propõe a Palavra de Deus como luz intensa que ilumina as linhas do caminho*. O processo de amadurecimento vocacional e decisão devem, portanto, ser percorrido pelo sentido bíblico da vida. De fato, para Santo Agostinho a palavra exterior, isto é, aquela anunciada pelo pregador, pelo companheiro ou pelo catequista, é sempre um meio ou instrumento externo que nada mais faz do que favorecer a palavra interior, aquela que o Mestre interior fala no interior coração:

“Os homens podem, de certo modo, trazer à memória as coisas pelos sinais que são as palavras, mas quem ensina é o único mestre verdadeiro, a mesma verdade incorruptível, o único mestre interior. Tornou-se também professor exterior para nos chamar de exterior para interior e, assumindo a forma de servo, dignou-se a parecer humilde aos que padeciam, para que, ao levantar-se, lhes fosse mostrada a sua sublimidade” (*resposta à carta de Manés*, 36, 41).

- 9) *O acompanhador ama a pessoa* acompanhada em Cristo. Sim, ele a ama! Amor que se traduz em cuidado e atenção, preocupação com a pessoa e sua felicidade.
- 10) *O acompanhante conduz pedagogicamente o acompanhado à experiência de viver em comunidade*, a sentir-se como uma pedra viva na Igreja de Cristo.

Como conclusão deste tema, destacamos o convite do Papa Francisco que encontramos no número 297 da Exortação Apostólica *Christus vivit*:

“É preciso suscitar e acompanhar processos, não impor rotas. E são processos de pessoas sempre únicas e livres. Por isso é difícil montar livros de receitas, mesmo quando todos os sinais são positivos, pois «se trata de submeter os mesmos fatores positivos a um cuidadoso discernimento, para que não se isolem ou se contraponham absolutizando e opondo-se reciprocamente. O mesmo se pode dizer dos fatores negativos: não devem ser rejeitados em bloco e indistintamente, porque em cada um deles pode estar oculto algum valor, que está à espera de ser descoberto e reorientado para a sua verdade plena”.

## Perguntas para reflexão pessoal e diálogo em grupo



1. De que forma a comunidade cristã pode ser acompanhada no processo de discipulado e ao mesmo tempo comprometida com o acompanhamento dos jovens?
2. De acordo com o que foi desenvolvido no tema, qual você acha que é o papel da Equipe de Animação Vocacional no processo de acompanhamento de um jovem com preocupações vocacionais?

